

# a chama



## O São Vicente na Globalização da Caridade

15/1500

*Dr. Ellen M. LaCapria, d.d.*



TRÍDUO VICENTINO



VIDA DE SANTO



PRATICANDO A CARIDADE



REVENDO OS PASSOS



DAR E RECEBER



CRIANÇA QUE FAZ



EDUCAÇÃO COM LIMITES



A PROPOSTA DA CAMPANHA



## EXPEDIENTE

# a chama

Revista editada pela APM  
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXIX – Nº 65  
novembro/2002

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ  
Telefone: (021) 2556 0796 e-mail: csvp@csvp.g12.br

*Supervisão Editorial:* Pe. Lauro Paltú e diretoria da APM  
*Coordenação Editorial:* Marco Vinícius Bittencurt e João Afonso de M. Teixeira  
*Reportagens, redação, edição e revisão:* Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães  
*Projeto Gráfico:* Oswaldo Eduardo Lioi  
*Concepção gráfica, ilustrações e editoração eletrônica:* Iuri Lioi  
*Colaboração:* Gilberto de Carvalho e Antônio Morais (Serviço Audiovisual /CSVP) e Pe. Lauro Paltú, com as fotos.  
*Capas:* Gravura de Ir. Ellen M. La Capria, FC (acervo pessoal do Pe. Lauro Paltú)

### DIRETORIA DA APM

*Casal Presidente:* Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune  
*Casal Vice-Presidente:* Marco Vinícius e Rosária Bittencurt  
*Casal Relações Públicas:* João Afonso de M. Teixeira e Solange Pires de M. Teixeira  
*Casal Tesoureiro:* Duarte M. Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente  
*Casal Secretário:* Roger Toshio Enokibara e Marta Pinheiro Enokibara  
*Casal Representante dos Professores:* Roseli e Sidnei Vasconcellos

**C**aros pais e amigos,

Neste número da *chama*, cujo tema central é a "Globalização da Caridade", temos a oportunidade de refletir sobre duas palavras que nos remetem a momentos históricos extremos e que, reunidas, trazem uma conotação especial passível de reflexão.

A *Caridade*, segundo Aurélio Buarque de Holanda, "no vocabulário cristão, expressa o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus". Portanto, o seu significado, para nós cristãos, data, no mínimo, de 2002 anos.

Quanto à *Globalização*, vocábulo que, no nosso sentir, expressa a necessidade de comunicação interligada pelos meios contemporâneos disponíveis, faz-nos vivenciar, em tempo real, as questões do mundo.

É com este espírito, que reúne e amplifica a nossa vontade ao tamanho do amor de Deus, com a velocidade de que hoje dispomos para nos integrarmos aos fatos que nos cercam e clamam por nossas ações, que nós, pais da APM, entendemos toda essa dinâmica e tentamos contribuir para sua efetivação.

*Denise Braune*  
presidente da APM

# SUMÁRIO

## CAPA

Um é pouco, dois é bom, três foi ótimo ..... 16

## ENTREVISTA: Nina Cunha

Da teoria à prática da transformação social ..... 2

## AÇÕES SOCIAIS

Amigos de longa data ..... 4

Muitas formas de participar ..... 5

## COMO SE FAZ

Tocando os corações, abrindo as mentes ..... 6

## AÇÃO PEDAGÓGICA

Expondo as misérias do mundo ..... 8

## EJA

Uma via de mão dupla ..... 9

## ENSINO FUNDAMENTAL

Pequenos, mas atuantes ..... 10

## FÓRUM

Erros e acertos ..... 11

PERFIL: São Vicente de Paulo ..... 14

## FAMÍLIA VICENTINA

A Família unida na busca de um ideal ..... 22

ESPAÇO APM ..... 24

## ESPORTE

O esporte e a Globalização da Caridade ..... 25

Olimpíada 2002 ..... 25

## ETC...

Notas ..... 26

Não basta dizer não ..... 29

A Igreja que queremos ..... 30

## EX-ALUNOS

Convite de coração ..... 31

CARTAS ..... 32



# Da teoria à prática

## Nina Cunha explica como o Colégio



**N**ão há como visitar o São Vicente e não ouvir falar em Globalização da Caridade. Ou ler pelos murais. Ou sentir a vibração. Nesta entrevista, a coordenadora acadêmica do Colégio, Nina Cunha, explica os princípios da campanha e comenta as ações pedagógicas e sociais que vêm tomando conta da rotina de alunos, professores e funcionários.

*A chama: O que é a Globalização da Caridade?*

**Nina:** A Globalização da Caridade é a convocação, em nível mundial, de todos aqueles de boa vontade para que se engajem num mutirão de combate à fome nas populações marginalizadas. Este é um brado levantado pela Família Vicentina no mundo inteiro, seguindo o carisma vicentino de atendimento aos pobres, numa hora em que a população mundial vive em estado de fome. Aqui no Brasil, este brado vicentino vem reforçado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que, em documento dirigido à cristandade brasileira, fala das “Exigências Evangélicas e Éticas da Superação da Miséria e da Fome”.

*A chama: O que essa campanha representa para o Colégio?*

**Nina:** O Colégio se sente chamado a “arregaçar as mangas”, a fazer com que

nosso lema “educando para a transformação social” se torne um grande projeto social.

*A chama: Como o São Vicente está participando dessa campanha na condição de colégio/instituição de ensino? Como desenvolver a solidariedade e o trabalho social como Colégio?*

**Nina:** Naturalmente, como Colégio, atuamos de forma diferenciada de outras instituições. Nosso instrumental é a Educação, orientada pelos valores cristãos de justiça, fraternidade, libertação, respeito à dignidade das pessoas. Neste momento, estamos buscando a vivência desses valores na realização dessa campanha, eminentemente uma ação transformadora.

*“Conscientização não é um estágio de conhecimento esclarecedor que antecede a prática da cidadania; ela chega e se instala pela própria prática”*

*A chama: Como o São Vicente vem sensibilizando alunos e professores para ingressarem na luta contra a fome?*

**Nina:** Nosso Projeto Pedagógico e nossa prática na sala de aula buscam sempre a formação do cidadão consciente de sua realidade e de seu papel social. Os temas políticos e sociais têm estado sempre presentes em nossos conteúdos de ensino; a preocupação com uma metodologia participativa também tem sido uma prática comum entre nossos professores. No momento, entretanto, estamos precisando avançar mais: compreender que conscientização não é um estágio de conhecimento esclarecedor que antecede a prática da cidadania; a conscientização chega e se instala pela própria prática. É

o entendimento deste caminho pedagógico que vai sensibilizar os professores e, por meio deles, os alunos, para buscarem um caminho de ação, de vivência cidadã. O engajamento na Campanha da Globalização é, portanto, um procedimento pedagógico essencial. A ação social como princípio pedagógico tem sido tema de estudo em nossas reuniões semanais de professores.

*A chama: Que tipos de projetos estão em andamento?*

**Nina:** O grande projeto da Globalização da Caridade – luta contra a fome foi desmembrado pelas diferentes áreas, com níveis de ação diversificados pelas faixas de idade, pelo entendimento do conceito de “caridade”, pelas possibilidades de aproximação com o pobre. Estamos, no momento, com vários projetos em andamento. As 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental estão desenvolvendo um projeto de apoio às Voluntárias da Caridade (instituição vicentina), em atividades de cunho assistencial e também transformador junto à creche Cristo Redentor. As 3ª e 4ª séries, juntamente com alguns grupos do Ensino Médio, estão atuando no Dispensário São Vicente de Paulo, na rua Mem de Sá, que é voltado para o atendimento de crianças na faixa pré-escolar e de suas famílias. A atuação dos alunos se dá, especialmente, com recursos humanos para ajudar na higiene e alimentação das crianças, oferecendo também às mães orientação profilática para o cuidado com os bebês, fazendo ainda um trabalho com famílias de carcerários da Penitenciária da Frei Caneca. As 5ª e 6ª séries se engajaram no Projeto Visão Global, desenvolvido pelo pastor Marco Antonio Wanderley para atender a população do Cerro-Corá, Guararapes e Vila Cândido, encarregando-se de participar da montagem e manutenção de uma biblioteca comunitária. Pensamos, ali, em atuar principalmente nas atividades de letramento e desenvolvimento do gosto pela leitura com crianças de faixa de idade próximas das de nossos alunos envolvidos no

# da transformação social

está se inserindo na campanha da Globalização da Caridade

projeto. A 7ª série preocupou-se em se juntar a um projeto maior do Ensino Médio de atendimento ao nosso alunado noturno da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Já tínhamos um grupo do Ensino Médio que realizava um trabalho de monitoria dos estudos de recuperação dos alunos do EJA. Esta atividade pretende, agora, ganhar nova dimensão, buscando maior regularidade e, talvez, ousando chegar à montagem de um curso, em nível de Ensino Médio, que ainda não temos à noite. A 7ª série entrará com uma ação de apoio. Neste momento, estão preocupados em providenciar duas atividades prioritárias: um lanche noturno para os alunos que vêm direto do trabalho para a Escola; um banco de empregos, envolvendo aí os pais de nossos alunos e, quem sabe, nossos ex-alunos; e, ainda, a oferta de material didático. A 8ª série está dando apoio à Fundação São Martinho, que atende meninos de rua adolescentes, num trabalho de troca, visando à discussão de questões sociais, em busca da formação de valores. São esses os projetos, sem falar em nossa frente mais ousada e já conhecida: o Projeto Cocos, que se realiza graças à ação missionária de muitos de nossos professores, e a atividade já rotineira dos nossos grupos Graúna e Grauninha, pioneiros da ação social no Colégio São Vicente.

*A chama: A luta contra a fome no modelo proposto pela Globalização da Caridade prevê uma ação imediata, mas também uma ação contínua e a longo prazo. E no Colégio? Como embutir esse espírito da caridade (e do compromisso social) no dia-a-dia do processo ensino-aprendizagem?*

**Nina:** Como já falei anteriormente, nossos conteúdos de cunho político e social são riquíssimos em oportunidades de análise da realidade brasileira e da realidade de nosso estado e município, apontando soluções para os inúmeros problemas que compõem o quadro de fome e miséria de nossa população mais desatendida. Entretanto, é preciso que nossos professores estimulem nossos

alunos a olhar à sua volta mais próxima para discutir e analisar os problemas, não em situações abstratas, mas numa realidade concreta em que estão inseridos, mas na qual não se enxergam. É nesse momento, quando podem encontrar esse elo perdido, que a corrente se recompõe e pode se tornar compromisso e missão.

**“Assistencialismo e promoção são duas faces de uma mesma ação, que não existem isoladamente”**

*A chama: Como o São Vicente está trabalhando e planejando as três fases da campanha: assistencialismo, promoção e conscientização?*

**Nina:** Pelo que já expressei, vocês já puderam perceber que esse trabalho não se desenvolve em fases sequenciais. A conscientização se consegue não somente pela análise crítica denunciadora, mas também pela própria atividade de engajamento. Assistencialismo e promoção são duas faces de uma mesma ação, que não existem isoladamente. As etapas de planejamento visam a uma outra questão: a aproximação com o pobre, com a comunidade carente; o

conhecimento progressivo dessas pessoas e de suas necessidades; nossa inserção concreta no trabalho de ajuda e promoção. É uma pedagogia nova para professores e alunos acostumados a circular entre a burguesia. É o conhecimento de uma linguagem pedagógica própria. É preciso essa busca, essa curiosidade, essa vontade de enfrentar um desafio.

*A chama: Como pais de alunos e interessados em geral podem colaborar?*

**Nina:** Nosso primeiro momento de divulgação para buscar adesões foi a Feira da Globalização da Caridade, realizada como tríduo, na semana de nosso patrono São Vicente de Paulo, nos dias 27, 28 e 29 de setembro. Outra estratégia é a proposta desta revista, com este número dedicado ao tema da campanha. Nossa *home page* tem aberto espaço para esclarecimento e busca de adesões. Já temos tido resultados e esperamos mais.

*A chama: A campanha está mobilizando muitas pessoas e grupos e atingindo também muitas pessoas e instituições carentes? O São Vicente sai fortalecido desse esforço conjunto?*

**Nina:** Essa expressão “fortalecido” é muito prematura. Vamos dizer que o São Vicente está tomando consciência da enorme força que pode mobilizar. Isso, por enquanto, assusta, estimula, desafia. ■



# AMIGOS DE LONGA DATA



**D**entro do projeto da Globalização da Caridade, foi proposto que cada série desenvolvesse um projeto social ligado a uma instituição. Na 8ª série, a opção foi pela Associação Beneficente São Martinho, entidade sem fins lucrativos, criada em 1984, cuja missão é “oferecer a possibilidade de um futuro melhor a crianças e jovens sem assistência e sem perspectiva de ter uma vida digna”. A associação atende a mais de 3 mil crianças e adolescentes no Rio e em Niterói, em quatro linhas de ação — emergencial, preventiva, de defesa e de formação —, em diversas unidades.

A ação emergencial visa resgatar a dignidade e a cidadania de crianças e adolescentes que vivem na rua, sem assistência e sem esperança, oferecendo não apenas uma oportunidade de alimentação e abrigo mas, principalmente, uma alternativa de vida. Conquistar a confiança e o respeito das crianças é parte de uma ação que busca situá-los num novo ambiente de convívio social que, ao proporcionar um presente mais digno e fraterno, aponta para a possibilidade de um futuro melhor.

A ação preventiva tem o objetivo de evitar a desintegração

do núcleo familiar, mantendo crianças e adolescentes em suas casas, fora do alcance da criminalidade e das drogas. A ação é desenvolvida a partir de cursos profissionalizantes que dão ao adolescente a possibilidade concreta de ingressar no mercado formal de trabalho. As oportunidades de

emprego são criadas graças às parcerias mantidas com empresas estatais e privadas.

O Centro de Defesa Dom Luciano Mendes (CDDL), que pertence à São Martinho, foi criado em 1998 e desempenha um papel fundamental na promoção da cidadania e na defesa dos direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O Centro atua tanto na defesa jurídico-social de crianças e adolescentes em risco social quanto em fóruns de discussão e seminários para formulação de políticas públicas que garantam os direitos básicos dos jovens.

O Centro de Formação da São Martinho é responsável pela capacitação e atualização profissional

da equipe de coordenadores, técnicos e educadores e pela supervisão do trabalho pedagógico e do atendimento direto feito pela instituição. Além disso, coordena as oficinas de artes em que são desenvolvidos trabalhos de apoio psicopedagógico com as crianças atendidas. A São Martinho também dedica uma especial atenção à orientação espiritual das crianças, estimulando a fé e o amor ao próximo. Se você quiser conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido pela São Martinho, basta entrar em contato, pelo telefone (21) 2252-7049, ou visitar o *site* da Instituição, no endereço [www.saomartinho.org.br](http://www.saomartinho.org.br). Existem muitas formas de colaborar. Uma delas certamente pode lhe interessar. No Colégio, os interessados podem procurar os professores Sérgio Maia (Religião), Maria Margarida (História) e Mônica Roque (Geografia).■

## A Parceria do CSVP com a Associação Beneficente São Martinho.

O Colégio São Vicente tem uma longa história de trabalho nos 18 anos de existência da Associação Beneficente São Martinho, dos Padres Carmelitas, tanto no “Centro Sócio-Educativo”, como em parceria na unidade “Mundo do Trabalho”, na rua Francisco Muratori, ambos na Lapa.

No “Centro-Sócio Educativo” são acolhidos menores de rua, durante o dia. Eles recebem alimentação, ajuda médica e orientação em trabalhos educativos. No “Mundo do Trabalho”, realiza-se a capacitação de adolescentes carentes, para que sejam contratados por firmas que mantêm convênio com a Associação.

A escolha da Associação Beneficente São Martinho pelos alunos da 8ª série do Colégio São Vicente de Paulo, dentro do projeto da “Globalização da Caridade”, teve o objetivo de colaborar, através de apoio pedagógico, com a equipe de professores de cursos do “Mundo do Trabalho”, e de promover o intercâmbio de nossos alunos com os adolescentes, para debate de filmes, convivência e esporte. Os beneficiados são os nossos alunos e os adolescentes carentes que frequentam os cursos de capacitação, com dois meses de duração. Cada curso recebe em média 160 adolescentes. Também quisemos estimular atividades que permitam a interação entre os alunos do CSVP e os menores de rua que frequentam o “Centro Sócio-Educativo”.

Já foram feitas visitas a essas duas unidades pelos alunos e professores responsáveis pelo Projeto da Globalização da Caridade na 8ª série, com o objetivo de avaliar as reais necessidades da Instituição e estabelecer concretamente o que nossos alunos podem realizar. Também escolhemos essas duas unidades dentro do Projeto “Globalização da Caridade”, para assegurar um processo de continuidade da parceria do CSVP com a Associação Beneficente São Martinho.

Sérgio Maia  
Coordenador da Pastoral

# MUITAS FORMAS DE PARTICIPAR



**E**mbalados pela idéia da caridade e da solidariedade, muitos outros grupos no Colégio estão começando a se movimentar. Cada um traçando seu caminho, passo a passo. Cada um buscando a melhor forma de ajudar a quem precisa. Cada um descobrindo a alegria de colaborar para a construção de um mundo, pelo menos, um pouquinho melhor.

## Ajudando no Dispensário

Um grupo do Ensino Médio, capitaneado pela professora Vera Bonfim e por Maria Teresa Guedes (coordenadora de bibliotecas) iniciou um belo trabalho de apoio ao Dispensário São Vicente de Paulo (ver página 10). Os alunos estão se organizando para ajudar as Irmãs no trabalho diário com as crianças, principalmente no horário da tarde, das 14h às 17h, após as aulas. A presença dos alunos voluntários é muito importante na hora das refeições, alimentando aqueles que ainda não comem sozinhos, e na hora da recreação, brincando, contando histórias e comandando atividades.

Quem já participa do trabalho, como Alluana Barcellos (2º C), garante que não há prazer maior do que sentir o carinho daquelas crianças. “Na verdade, os maiores beneficiados somos nós mesmos. Trabalhar com as crianças é bom demais”, afirma.

## Solidariedade com os da casa

Muitas vezes, na ânsia de ajudar o próximo, nem nos damos conta de que o próximo está mais perto do que imaginamos. Foi pensando nisso que dois grupos, um da 7ª série e outro do Ensino Médio, resolveram trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) do próprio São Vicente.

No grupo do E. M., coordenado pela orientadora educacional Eleonora, vários alunos continuam a se dedicar à monitoria dos colegas que estudam à noite. Certamente, para os alunos do curso noturno o trabalho é muito

importante, mas a moeda da solidariedade tem mais de uma face. “Gratificante é a palavra que melhor resume o que eu sinto. Saber que estou ajudando e saber que não é uma simples caridade, mas um empurrão para que o aluno alcance a autonomia, é muito bom. Muitas vezes é difícil, cansativo, mas as energias voltam quando você vê um aluno tirando nota alta e ficando feliz por isso. Nosso objetivo agora é levar o EJA para o Ensino Médio. Mas só pelo que já fizemos, estamos de parabéns. Dar aulas no EJA é pôr em prática o ditado: ‘melhor que dar um peixe ao homem é ensiná-lo a pescar’”, diz Rafael Lenz (2º B).

O grupo da 7ª série, por sua vez, está pensando em várias alternativas de trabalho com o EJA. Para começar, com o apoio do professor Sérgio Drago (Matemática) e da psicóloga Patrícia Rubim, do SOE, está sendo feita uma pesquisa junto aos alunos do curso noturno para que sejam identificadas suas reais necessidades. O trabalho ainda está começando, mas as idéias já estão fervilhando: lanche diário para os alunos que, vindo diretamente do serviço, não têm como se alimentar; um cadastro de profissionais (pedreiros, bombeiros, cozinheiras, etc.) que facilite a contratação de quem precisa trabalhar; doação de materiais necessários ao estudo (livros, cadernos, canetas, etc.). Como se pode ver, a animação é grande. Agora é torcer para que a perseverança tenha o mesmo tamanho.

## Unindo esforços

Para quem acha que só gente grande pode exercer a solidariedade e a caridade, o exemplo contrário vem do grupo de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. A turminha, sob a batuta das professoras Alessandra, Noêmia, Maria Lúcia e Sônia, está trabalhando duro para ajudar as Voluntárias da Caridade, em seu trabalho assistencial, e a Creche Cristo Redentor. A idéia é ajudar tanto materialmente, com alimentos e material de limpeza e higiene, quanto sensibilizando os pais que possam prestar alguma assistência profissional às crianças. Já diziam nossas avós: “É de pequenino que se torce o pepino”. ■



# Tocando os coraçõ

**R**ecebemos uma tarefa: sensibilizar nossos alunos do Ensino Médio para a Campanha da Globalização da Caridade, proposta pela Família Vicentina. Queríamos envolvê-los em algum trabalho voluntário, em que realmente “colocassem a mão na massa”. Tarefa difícil! Nossos alunos, jovens que vivem na zona sul do Rio de Janeiro, estão acostumados a ouvir e ver situações de violência, de fome, meninos de rua, assaltos...

Mesmo assim, encaramos o desafio! No trabalho com o 2º ano, fiz parceria com a professora Vera Bomfim, de Português, e no trabalho com a 1ª série, com a Marlene e a Teresa, também de Português. Conteí ainda, com a colaboração das professoras Inah, de Química, e Isaura, de Geografia. Fomos trazendo materiais: vídeos, fotos, textos... e escrevendo o planejamento desse dia especial!

Aproveitamos as aulas de redação, pois nelas temos oportunidade de realizar debates mais aprofundados com os nossos alunos, tanto pela possibilidade de aproveitar o tema para escrever depois, quanto pelo tempo maior de aula.

Começamos o dia explicando aos alunos que seria uma dinâmica diferente e que gostaríamos que eles participassem de tudo, primeiramente ouvindo e prestando atenção, sem falar... para depois então expressarem sua opinião.

## Os vídeos

A primeira atividade programada foi a exibição dos vídeos “Ilha das Flores”, para a 1ª série, e “Palace II”, para o 2º ano.

“Ilha das Flores”, do diretor Jorge Furtado, fala sobre um lixão na grande Porto Alegre, onde as pessoas disputam com os porcos na hora de catar o lixo e aproveitá-lo. Com uma linguagem muito interessante, o filme fez os alunos refletirem sobre a condição humana, a desigualdade social, a liberdade, o uso do dinheiro e muitas outras coisas.

“Palace II”, uma adaptação de Bráulio Mantovani para TV do livro “Cidade de Deus”, de Paulo Lins, mostra

a história de dois meninos que moram numa favela do Rio de Janeiro e que são a todo momento assediados pelo tráfico de drogas. Os dois criam um plano para enganar alguém e ganhar dinheiro para ir a um *show*. Inspirados no “Palace I”, eles acabam se envolvendo cada vez mais e tendo cada vez “menos saídas”.

## A música, as fotos, os sentimentos

Depois dos vídeos, fizemos uma roda na sala com as carteiras e pedimos aos alunos que escutassem a música “Ninguém nasce bandido”, que faz parte do CD/Espectáculo “Menino no Meio da Rua”, do Grupo da Ação e Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Pedimos que prestassem atenção na letra e, enquanto isso, fomos passando fotos de pessoas em estado de exclusão social (“sem-terras”, “sem-tetos”, “sem escolas”, “sem nada”).

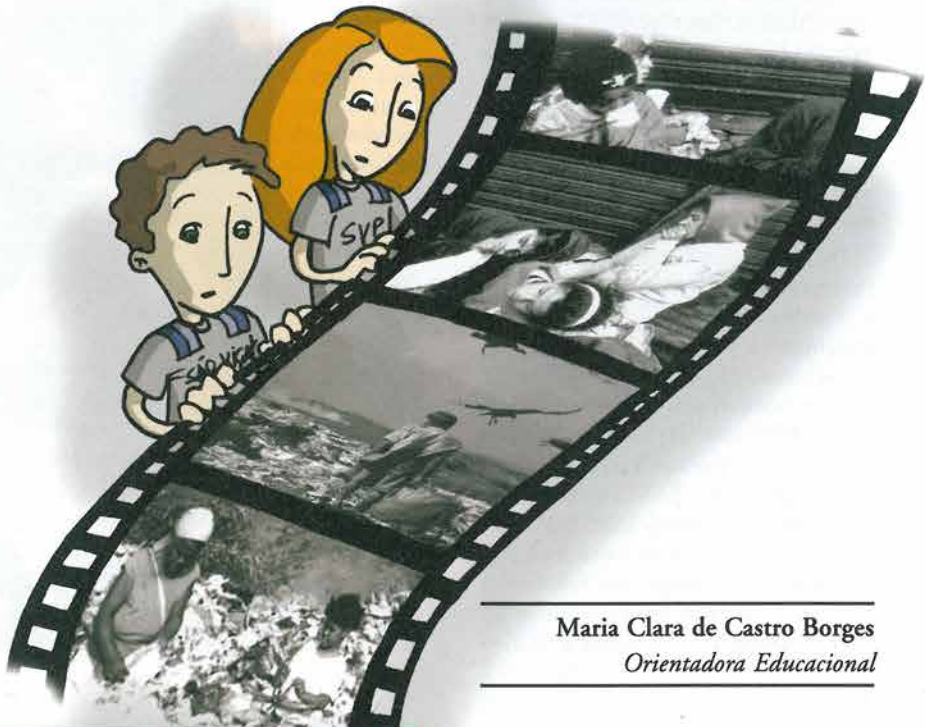
Quando a música terminou, passamos um papel, no qual cada aluno deveria escrever uma palavra ou uma frase que representasse o que sentia naquele momento. A seguir, essas palavras foram trabalhadas em debates, dinâmicas de escrita e texto, mas o mais importante

foi a emoção do momento. Sentimos que havia no ar muitos sentimentos, dentre os quais: dúvida, pena, raiva, impotência, preocupação e medo. Durante o debate, alguns alunos demonstraram vontade de trabalhar, de fazer algo para mudar aquela situação. Então, falamos um pouco sobre a história de São Vicente e de como ele organizava as “Boas Vontades”.

Na 1ª série, ainda trabalhamos com o texto “O Bicho”, de Manuel Bandeira, a música “Comida”, dos Titãs, e com dados sobre a fome no mundo.

## A vivência

O trabalho continuou com algumas visitas ao Dispensário São Vicente de Paulo e com a realização de uma mesa redonda com alunos, responsáveis e convidados que realizam algum tipo de trabalho social. Foi um momento muito interessante com as turmas, pois conseguimos ver como os nossos jovens ainda podem ter esperança de serem realmente agentes de transformação social. Para terminar, uma boa notícia! Muitos alunos já estão trabalhando como voluntários, tanto no projeto de monitoria para o supletivo quanto no Dispensário.■



Maria Clara de Castro Borges  
Orientadora Educacional



# ões, abrindo as mentes

**J**á há alguns anos o Colégio São Vicente de Paulo vem realizando uma importante atividade, as Feiras, ocasião de partilha para toda a comunidade educativa de parte significativa de nosso fazer pedagógico. Funciona também como um momento em que Escola e Família podem dividir espaços e projetos do cotidiano escolar. Essa atividade, embora aparentemente descontraída, é fruto de um grande processo de trabalho por parte dos alunos e da equipe pedagógica.

As nossas Feiras têm sido, tradicionalmente, caracterizadas como mostra de trabalhos que são apresentados e discutidos por temas. As Linguagens, a Cultura, a Saúde, a Qualidade de Vida e o Mundo do Trabalho já foram objeto de nosso olhar. Dentro do universo pedagógico, já havíamos estabelecido um razoável *know-how*. Neste ano de 2002, no entanto, tivemos diante de nós um grande desafio. Com o engajamento do Colégio na Campanha da Globalização da Caridade, da Família Vicentina, nossa proposta foi transformar este espaço de Feira num momento de sensibilização para um projeto que tem por objetivo uma ação solidária e transformadora diante de nossa dura realidade social.

E como se dá a construção de um projeto que tem uma dimensão que vai além dos programas curriculares, que ultrapassa compromissos e avaliações pedagógicas formais?

Desde o primeiro semestre, em nossas reuniões de equipe, temos promovido alguns momentos de discussão sobre o tema. Num primeiro momento, o objetivo foi sensibilizar os professores quanto à urgência e relevância do nosso envolvimento num projeto concreto de transformação social, para que pudéssemos nos debruçar sobre uma realidade menos favorecida, conhecê-la em seus aspectos históricos, geográficos e sociais e também interferir com ações concretas de solidariedade, buscando sua transformação.

O segundo momento visou fornecer subsídios para o trabalho pedagógico: bibliografia sobre o tema, textos, indicações de filmes, enfim, todo o material de apoio para os professores. Nesses encontros, quisemos, também, orientar sobre a metodologia necessária para a elaboração dos projetos. Sugerimos abordagens que poderiam ser tratadas dentro do plano curricular. Discutimos procedimentos e ações comuns. Estabelecemos prazos e calendários.

A etapa seguinte foi entrar em contato com as instituições para a elaboração dos projetos. Tal contato foi feito primeiramente pelos professores, mas contou também com a participação de alunos, com algumas turmas ou grupos fazendo visitas. Paralelamente, as coordenações tiveram a oportunidade de sensibilizar as famílias em reuniões e encontros de pais.

No dia 28 de setembro, dentro das comemorações do Tríduo Vicentino, os projetos por série foram apresentados na Feira de Globalização. E foi com muita alegria que pudemos dividir com todos os membros da comunidade educativa nossas idéias e propostas.

Durante todo o processo, nossa preocupação foi a de procurar envolver o maior número de professores, funcionários, alunos e pais. Muitos já foram envolvidos e outros esperamos sensibilizar "ao longo do caminho". Mas a vontade e o desejo de realizar o que, a princípio, parece utopia, pode se transformar em realidade se contarmos com a força de todos. ■

---

Maria Teresa Gouvea Guedes  
Coordenadora das Bibliotecas e participante do Serviço de Apoio Pedagógico do CSVP

---

São Vicente olhou a realidade...



viu...  
moveu-se de  
compaixão...  
agiu!

**Globalização  
da caridade:**

"Todas as mãos do mundo  
estendidas para o outro"

Isabel Rodrigues • Turma 33

Colégio São Vicente de Paulo

2002 • 2003

APOIO:  
MINIGRÊMIO & GREGI

# Expondo as misérias do mundo

A tarefa deles não era fácil: mostrar na linguagem das diversas mídias um pouco daquilo que vêem, lêem e ouvem falar sobre fome, desigualdade e exclusão social, miséria, desemprego e tantas outras coisas que caminham juntas.

Mas eles não se intimidaram, e o resultado do trabalho foi um conjunto que vale a pena ser visto, lido e ouvido por todos. Informação de qualidade, imagens fortes e músicas que nos fazem pensar. Como "O resto do mundo", de Gabriel o Pensador, da qual destacamos alguns trechos.

*"Eu gostaria de ter um pingo de orgulho  
Mas isso é impossível para quem come o entulho*

*Misturado com os ratos e as baratas e com  
o papel higiênico usado, nas latas de lixo  
Eu vivo como um bicho, ou pior que isso  
Eu sou o resto, o resto do mundo  
Eu sou mendigo, um indigente, um  
indigesto, um vagabundo  
Eu sou... Eu não sou ninguém!"*

*"Eu sou sujo, eu sou feio, eu sou anti-  
social  
Eu não posso aparecer na foto do cartão  
postal  
Porque pro rico e pro turista eu sou  
poluição*

*Sei que sou um brasileiro mas eu não sou  
cidadão*

*Eu não tenho dignidade ou um teto pra  
morar*

*E o meu banheiro é a rua, e sem papel  
pra me limpar"*

*"Frustração, é o resumo do meu ser  
Eu sou filho da miséria e o meu castigo é  
viver*

*Eu vejo gente nascendo com a vida ganha  
e eu não tenho uma chance*

*Deus me diga por quê?*

*Eu sei que a maioria do Brasil é pobre*

*Mas eu não chego a ser pobre,*

*eu sou podre, um fracassado,*

*Mas não fui eu que fracassei*

*Porque eu não pude tentar.*

*Então que culpa eu terei quando eu me*

*revoltar, queimar, quebrar, matar?*

*Não tenho nada a perder, meu dia vai  
chegar*

*Será que vai chegar?"*

Os alunos do curso de Mídia cumpriram um papel importante, ao mostrar que os meios de comunicação podem ser importantes aliados na luta por um mundo menos cruel. Basta que se tenha coragem e disposição para isso. ■

## MÍDIA COM AUTONOMIA

Com o lançamento da Campanha da Globalização da Caridade, os alunos do curso de Mídia da 1ª série do Ensino Médio foram desafiados a traduzir, em linguagem mais "apropriada" a sua idade, os conteúdos que começariam a ser trabalhados pelos professores das diversas disciplinas. Os grupos puderam escolher com que elementos de mídia trabalhariam. Assim, as propostas de produção passaram por vídeos, jornais, programas de rádio, *home page* e cartazes publicitários. Um dos grupos desenvolveu até um jogo sobre o tema da fome: o Jogo da Fome, no qual ganha quem melhor solucionar o problema da fome no mundo.

Além dos objetivos imediatos, o trabalho buscou possibilitar aos alunos o exercício da sua autonomia e subjetividade diante dos meios de comunicação. Nos termos colocados por Pierre Babin, em seu livro "Os Novos Modos de Compreender" (Paulinas: São Paulo, 1989), além de confrontar as subjetividades e compreender os modos de produção, a formação para uma crítica da mídia deve motivar os alunos a se "apoderarem" dos meios e colocarem nele a sua mensagem. Esperamos ter avançado, com essa experiência, na direção a que nos propusemos em nosso Projeto Pedagógico: formar agentes de transformação social.

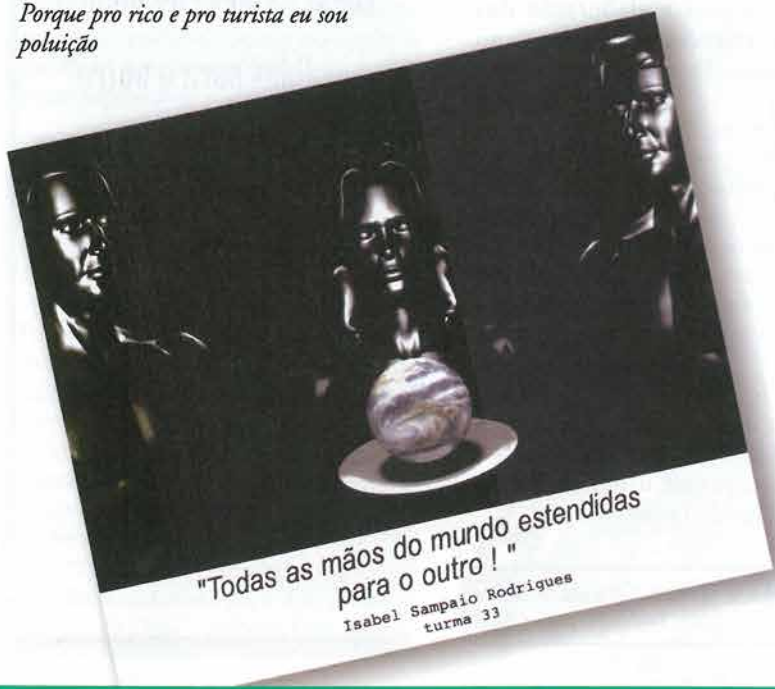
Na concretização do trabalho, contamos com a assessoria dos professores João Carlos Gomes (Joka), na ilha de edição de vídeo, Maria Teresa Guedes, na pesquisa em Biblioteca, e Esther Levis, na confecção da *home page*.

Trabalhos prontos (apresentados na Feira da Globalização da Caridade) ou em execução:

- Videoclipe sobre tema de Vivaldi, roteirizado por Julio Lisboa, Lua Amora, Renata Freire e Renata Guimarães (1º B).
- Videoclipe sobre a canção "Não dá pra ser feliz", de Gabriel, o Pensador, roteirizado por Leticia Segui, Marco Guedes, Marcos Mattos, Melanie Macedo, Thalita Gulin, Yuri Binder e José Tadeo (1ºA).
- Tradução da letra da canção *Heal the world*, do clipe de Michael Jackson, por André Mendes e Marco de Aguiar Guedes.
- Jornal Informafome, editado por Izabela Pitta, Marco Guedes, Maria Eduarda Chagas, Marina Cunha e Raquel Sampaio.
- Programa de rádio produzido por André Mendes, Fernando Ferreira, Marcelo César e André Renato (1º A), com a colaboração de Alexandre Iachan, que fez a locução do programa, mesmo não sendo aluno do curso de Mídia.
- Cartazes de divulgação, elaborados por Bruno Trigueiro e Conrado Andrade (1º C).
- Programa de rádio produzido por Carolina Levis (1º C), Frederico Xavier (1º D), Diego Rosário e Rogério Barbosa (1º B).
- Jornal produzido por Manuela Kemper (1º C).
- Jogo da Fome, produzido por Ana Carolina, Julia Vianna e Paloma Correa (1º D).
- Videoclipe produzido por Rodrigo Faulhaber e Rafael Abreu (1º C).
- *Homepage* produzida por Francisco Coutinho, Leonardo Bazzanella, Matheus Raimundo, Pablo Borela, Pedro Wanderley e Victor Martha (1º C).

Artur Motta

Professor do Curso Mídia, Arte e Cultura



# Uma via de mão dupla

**E**les são alvo de alunos e professores do São Vicente que resolveram participar da Campanha da Globalização da Caridade ajudando aqueles que estão próximos. Mas eles não querem ser apenas objetos da solidariedade. Mais do que isso, querem ser sujeitos tanto do seu próprio crescimento quanto de alívio para os ainda mais necessitados. Foi com a idéia de que “ninguém é tão pobre que não tenha nada a oferecer e ninguém é tão rico que não precise de nada” que os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se reuniram para discutir a Campanha. Com a palavra, os alunos do EJA.

## É dando...

“Podemos ajudar formando grupos para visitar crianças carentes, idosos e hospitais. Pois são pessoas que precisam apenas de uma palavra amiga, um gesto de carinho. Seriam pequenos momentos que poderiam ser grandiosos”. (Maria Aparecida, Vanilda, Sônia e Divina – T. 61)

“Podemos ajudar, ensinando aquilo que aprendemos em nossas profissões”. (Edson, Cléia e Socorro – T. 61)

“Sentimos que muitas pessoas têm vontade de ajudar o próximo, mas poucas têm realmente possibilidades financeiras para isso. Podemos ajudar, alertando-as para que estudem mais. Mesmo tendo pouco, nos sentimos bem, dividindo o pouco que temos”. (Juliano, Ricardo, Patrick, Alexandre e Maria Antônia – T. 51)

“Nós nos sentimos muito felizes em poder ajudar os outros, mas nem sempre temos condições, porque nosso salário não é suficiente nem para o nosso sustento. Ainda assim, dividimos o pouco que ganhamos com quem não tem nada. Também podemos ajudar essas pessoas nos unindo e cobrando dos nossos governantes um trabalho com salário mais digno para que elas tenham o seu próprio sustento”. (Laudiléia,

Ozenil, Tereza Cristina, Francisca e Jenailsa – T. 51)

“Ajudar as pessoas carentes não só matando a fome delas. Temos outras formas de ajudar como, por exemplo, dando educação e uma vida mais digna, com mais empregos e um salário com que elas possam viver bem. Não adianta ser ajudado hoje e ser esquecido no dia seguinte”. (Antônio, Fernando, Sérgio e Wladimir – T. 51)

## ... que se recebe...

“Em primeiro lugar, gostaríamos que o Colégio oferecesse um curso de informática, pois o mundo está muito informatizado e estamos nos sentindo um peixe fora d’água”. (Maria Aparecida, Vanilda, Sônia e Divina – T. 61)

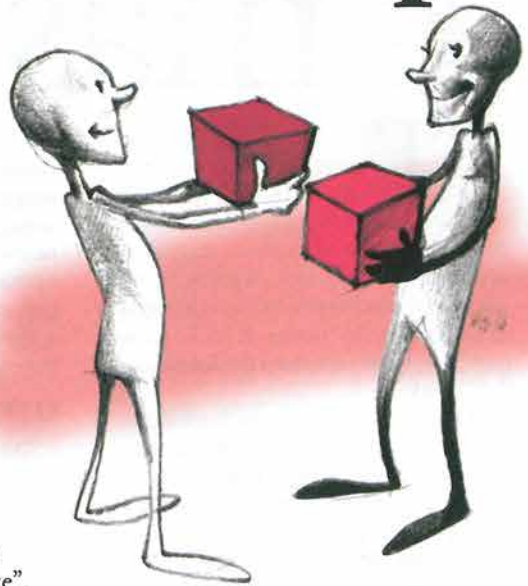
“Podemos ser ajudados com cursos gratuitos de informática e inglês e com uma oportunidade de emprego. Se nós tivéssemos essa chance, teríamos uma vida melhor”. (Fátima, Angela, Ivonte e Tomás – T. 61)

“Tendo cursos profissionalizantes, podendo continuar a ver filmes no auditório, palestras, confraternizações etc., para que possamos ter melhor qualidade de vida”. (Edson, Cléia e Socorro – T. 61)

“Podemos ser ajudados nos dando condições de entrar nessa guerra, que é a competição por um emprego; nos dando possibilidades de terminar nossos estudos”. (Antônio, Fernando, Sérgio e Wladimir – T. 51)

“Temos que nos unir para nos ajudar uns aos outros. A idéia de formar um banco de empregos vai nos ajudar muito”. (Marcelo, Luciana, Mardônio e Aurinete – T. 61)

“Nós gostaríamos de aumentar o nosso conhecimento através do Ensino Médio e, se possível, aqui



mesmo no São Vicente de Paulo” (Evandro, Fabiana, Dariomar e Rosa – T. 61)

“Nós gostaríamos de receber das pessoas que estão no poder atenção e colaboração para que o supletivo seja concretizado em todos os graus”. (Laudiléia, Ozenil, Tereza Cristina, Francisca e Jenailsa – T. 51)

## ...e se transforma o mundo

“Ser um agente da caridade é importante para o nosso bem-estar físico, emocional e espiritual”. (Evandro, Fabiana, Dariomar e Rosa – T. 61)

“É muito triste saber que em muitas casas a mesa está farta enquanto muitos estão catando comida no lixo”. (Marcelo, Luciana, Mardônio e Aurinete – T. 61)

“Se todos déssemos as mãos, o pessoal do dia, o pessoal do supletivo e os professores, poderíamos não mudar o mundo, mas concertaríamos um pedacinho dele.” (Maria Aparecida, Vanilda, Sônia e Divina – T. 61)

“Nós gostaríamos, também, que, nesse momento de eleições, nossos governantes olhassem mais para a classe trabalhadora, para que todos tivessem um salário digno. Que não só prometessem, mas cumprissem o seu dever”. (Nazaré, Edileusa, Raimundo e Iramália – T. 51) ■

# Pequenos, mas atuantes



“**F** estou limpando a minha alma”. A frase do aluno Lucas Gogolevsk (T. 42), faz referência aos seus sentimentos, mas certamente exprime o espírito de muitos de seus colegas de 3ª e 4ª séries que estiveram presentes nas visitas feitas ao Dispensário São Vicente de Paulo, como parte das ações da Campanha de Globalização da Caridade.

Os alunos estiveram na instituição, participaram de diversas atividades e ajudaram mais do que muita gente grande na hora do almoço das crianças do berçário. A visita foi tão importante que acabou virando matéria no noticiário “Bom Dia, Rio”, do dia 30 de agosto, fechando a série “Cidadania vem do berço”, sobre voluntariado infantil. Aparecer na televisão, no entanto, foi apenas uma das recompensas pelo trabalho que está sendo realizado.

## O projeto

Coordenado de forma compartilhada pelos professores de 3ª e 4ª séries e pelo pessoal do Serviço de Orientação Educacional e do Serviço de Orientação Pedagógica, sob liderança das professoras Edna, Neusa e Cristina, o projeto foi idealizado numa perspectiva de “arregaçar as mangas e olhar em volta para encontrar aqueles que estão à espera de ajuda, de uma palavra amiga e de solidariedade”. No olhar em volta, uma descoberta: o Dispensário São Vicente de Paulo, situado na rua Mem de Sá, 271, no centro do Rio, que é sustentado pelas Irmãs Vicentinas e dirigido pela Irmã Bernadete. Surgiu, então, a idéia de apoiar as atividades do Dispensário, com a doação de materiais necessários ao trabalho e à realização de visitas periódicas com alunos e pais que desejem colaborar.

Seguindo a orientação do Colégio, o projeto envolve ainda o estudo, em sala de aula, de diversos aspectos relacionados à questão da fome e do trabalho social. Dessa forma, os alunos poderão tomar conhecimento da desigualdade social, analisar suas causas e discutir possíveis soluções a curto, médio e longo prazo para o problema, enquanto ajudam na manutenção material e no trabalho diário do Dispensário.

Além disso, o trabalho tem por objetivo fazer com que os alunos eliminem seus preconceitos e aprendam a se relacionar dignamente com os menos favorecidos,

valorizem as coisas simples da vida, reconheçam a situação privilegiada em que vivem em casa e no Colégio e sintam prazer na troca de experiência com o grupo atendido e percebam a importância de serem solidários com seus semelhantes, não importando a cor, a idade, o grupo social e a religião a que pertencem.

## O Dispensário, segundo os alunos

Situar-se, mobilizar-se, comunicar-se, agir, avaliar e transcender. Essas são, segundo a metodologia de desenvolvimento do projeto, as diferentes etapas a serem cumpridas. Foi dentro da etapa “comunicar-se” que os alunos da 4ª série escreveram e publicaram o “Jornal da Felicidade” (T. 41) e os jornais “O Dispensário” (T.42) e “SOS Dispensário” (T.43), para divulgar o projeto durante a Feira da Globalização da Caridade.

Abaixo, você vai ler um *clipping* de notícias com as principais informações sobre o Dispensário, escritas pelos próprios alunos, após as visitas realizadas nos dias 26 e 29 de agosto.

“No Dispensário existem 20 funcionários e as Irmãs para cuidar de 165 crianças carentes de um a quatro anos.” (Luiza e Lara – T. 41)

“O Dispensário só aceita crianças cujos pais trabalham, não importando qual o tipo de trabalho eles tenham.” (Breno e Caio – T. 43)

“As famílias pagam uma mensalidade simbólica. As crianças chegam às 7h30min da manhã, tomam café, almoçam, dormem, brincam, jantam e saem às 5h30 min da tarde.” (Beatriz e Laura – T. 43)

“As crianças de seis meses a um ano e quatro meses ficam no berçário. Elas são 56 crianças, com apenas cinco freiras para cuidar.” (Lívia e Isadora – T. 42)

“Na recreação tem poucos funcionários para cuidarem da segurança das crianças.” (Felipe e Octávio – T. 43)

“Algumas crianças são filhas de presidiários e até traficantes.” (Gabriel Carvalho e Joyce – T. 41)

“Uma vez por semana vai um médico lá para cuidar das crianças.” (Carolina e Giovana – T. 41)

“A partir dos quatro anos as crianças são encaminhadas para escolas públicas.” (Clara e Clarissa – T. 41)

“Precisa-se mais que ajuda material, de ajuda humana: brincar com as crianças, dar comida, carinho e atenção.” (Marcella, Léo, Pedro e Gustavo – T. 41)

“Tornando-se voluntário, você não estará ajudando só o Dispensário e as crianças, mas certamente você.” (Toshio, Igor e Daniel – T. 43)

“Você que está aí em sua poltrona, vendo televisão ou lendo jornal, sai daí e venha ajudar o Dispensário. Essas crianças precisam de você.” (Marcos e Pedro – T. 43).■

## TRABALHO NO DISPENSÁRIO...



... ALIMENTANDO E BRINCANDO COM AS CRIANÇAS...



VIRA NOTÍCIA DE TV



# Erros e acertos

Com o projeto da Globalização da Caridade, o Colégio São Vicente aceitou o desafio de colocar em prática a filosofia que orienta, desde sempre, seu projeto pedagógico. A experiência vem sendo uma novidade e um aprendizado em conjunto para todos os envolvidos. Neste fórum organizado pela **chama**, foram reunidos os alunos Alluana Barcellos, do 2º C, Janaína Villas Boas, do 2º B, e Rafael Abreu, do 2º A, os professores Sérgio Drago, de Matemática, Jéssica Campos, de História, Rosana Mota e Kedma Silva, do Ensino Fundamental, e Ivan de Oliveira, pai de Yasmim, da 4ª série, para avaliar o trabalho já feito e sugerir caminhos para o sucesso do projeto.

## Projeto social e projeto educacional

**Jéssica:** Eu penso que essa integração tem que se dar em diversos níveis: no momento em que você organiza a programação por série, dentro dos objetivos propostos no seu trabalho, no enfoque que dá a determinados temas. Às vezes não precisa ser um trabalho específico com o tema “a fome” ou “a pobreza”. Quem trabalha com Ciências Sociais, História, Geografia tem, dentro da programação das séries, diversas oportunidades de fazer reflexão sobre isso. Por exemplo, pegando experiências de outros espaços e tempos e trabalhando com os alunos as raízes da geração da pobreza, dos mecanismos que impõem essa desigualdade social que, na realidade, são históricos. Mas quando eu trabalhei com eles, por exemplo, a revolução industrial, a formação do mundo ocidental, eu estava trazendo todas as transformações que preparam o mundo contemporâneo, capitalista, urbano, no qual a gente vive. Eu podia fazer relações com o presente, mas não podia me desviar muito daquilo. Mas quando você fala da formação da sociedade capitalista, fala da formação de mecanismos de acumulação, da geração dos mecanismos de exploração, que já existiam e tomaram outra forma. Então, eu acho que uma primeira ação dentro desse esforço passaria por isso: pela escolha dos conteúdos e do enfoque dos conteúdos,

um texto, um filme, de forma que aquilo vá formando neles uma bagagem conceitual e analítica que os torne capazes de se posicionar.

**Kedma:** Quando a gente trabalha com agricultura, mostrando a questão do bóia-fria; a indústria também, mostrando o ontem e o hoje, o operário, inclusive com depoimentos do final dos séculos XIX e XX, eles vêem que pouca coisa mudou. Em História e Geografia, presente e passado, a gente trabalha muito isso e eles questionam o que se pode fazer. Dentro desse contexto, tem muita coisa para se trabalhar, mesmo em outras disciplinas, como o Português. Às vezes até na maneira de o aluno se posicionar, de perguntar certas coisas. Trazendo sempre um jornal para a sala de aula. E tem dado resultado. Eles se tornam bem críticos em relação à realidade, apesar de a maioria fazer parte de uma classe privilegiada. Eles estão percebendo bem a necessidade do próximo.

**Drago:** Isso não deve ficar restrito às Ciências Sociais. Todos nós temos que achar espaço para praticar a cidadania. Cidadania é uma palavra muito vaga nos últimos anos. Mas eu sempre procurei trabalhar a conscientização, e com matemática. É o que eu chamo de matemática cidadã, a gente colocar em dúvida sempre... Nós tivemos no debate político, por exemplo, uma porção de mentiras. Os números são a ferramenta mais fácil para você mentir. Quem trabalha muito com dados e números pode manipular mesmo.

*E de uma maneira cruel, porque o número é tido como objetivo e verdadeiro sempre...*

**Drago:** Exatamente. Então, eu trabalho sempre com o pessoal essa questão da mentira dos números. Há pouco tempo eu trabalhei com os meus alunos essas propagandas tipo Casas Bahia, que falam em compras “em dez vezes sem juros”. Todo mundo sabe que aquilo é uma farsa. Você tem vários modos de conscientizar. O negócio é fomentar discussão, fazer



com que eles pensem e comecem a se indignar, desde cedo, com algumas coisas que acontecem.

## O conceito de caridade

**Rafael:** Eu acho que o pessoal do supletivo, que tem muito menos, está muito mais interessado do que os alunos do curso regular. Se entra alguém na sala para falar alguma coisa de cidadania ou sobre a Globalização da Caridade, você vê metade da sala virando a cara. Eu acho que o problema é o conceito. O conceito de caridade é muito vazio para as pessoas, é difícil virar uma ação altruísta. É difícil, por exemplo, uma empresa ajudar uma comunidade sem que isso vire propaganda ou redução de impostos. Se a família não der uma orientação inicial para os alunos, alguns vão virar a cabeça e achar que isso não é com eles. Tem que começar com as crianças, porque se lançar a Globalização da Caridade só com o Ensino Médio, vai haver muito desinteresse.

*Parece que há um preconceito quanto à palavra caridade. Será que ela foi “mal” acolhida?*

**Rafael:** Eu acho que foi.

**Janaína:** Ninguém gosta desse nome. Falei com muita gente e foi unânime. Esse nome é horrível. Tem a metáfora da globalização, mas essa palavra caridade tem um tom pejorativo.

**Jéssica:** Você não acha que isso tem a ver com a própria mensagem que a Escola passa, de que caridade é uma coisa assistencialista?

**Ivan:** Eu estou aqui como pai. A Yasmim entrou no Colégio este ano. Ela foi eleita, logo no início do ano, representante da



ALLUANA, JÉSSICA, RAFAEL E JANAÍNA

**Rosana:** A Feira teve o objetivo também de atingir as famílias, ganhar adesões dos pais. A idéia era agrupar projetos por séries, até para facilitar. Talvez isso tenha dado essa impressão de trabalho da Escola.

**Alluana:** É que essa palavra “responsabilidade”, associada à caridade, não funciona. Para mim, agora que eu gostei, que eu amo as crianças e elas me amam, é responsabilidade estar lá, porque elas contam comigo. A partir do momento que você gosta do que está fazendo, aí sim aquilo vira responsabilidade para você.

### A ponte entre teoria e prática

**Janaína:** O Colégio tem essa coisa de falar sobre os problemas sociais em sala de aula. Esse projeto é muito bom e, para mim, vem pôr em prática aquilo que a gente aprende. Tem um abismo social? Tem. E o que você pode fazer pra ajudar? Isso é debatido. A Alluana falou que é um projeto opcional e vê as amigas envolvidas com isso. Estão, mas ainda é um grupo muito pequeno para um Colégio tão grande e que debate tanto esse assunto. Eu acho que tem que ser trabalhado melhor esse projeto, porque atingiu um grupo pequeno e gerou coisas muito afastadas. Teve a mesa-redonda, muito tempo depois veio a Feira, num sábado de sol, em que foi todo mundo liberado às 10h. Para as famílias, eu não sei, porque não fiquei na Feira, mas para o pessoal que eu perguntei, não funcionou.

**Rafael:** A idéia que chega é que, por exemplo, a Feira se resumiria a vários *stands* de projetos e que as pessoas chegassem lá e doariam algo. Se a gente puder doar, ótimo. Mas tem que trabalhar a realidade de outra forma, para que isso não seja necessário. Existem muitos projetos assistencialistas aqui no Rio de Janeiro, né? Aí.. dá o chequinho... A gente não trabalha para que daqui a quatro anos não precise dar o cheque porque todos vão ter naturalmente condição de se sustentar. É isso que falta. O que é melhor: dar uma cesta básica para uma família ou fornecer utensílios para que ela possa produzir pelos próximos dez anos?

turma no Grauninha. Ela se interessou e se engajou nesse projeto. Começou a ser incentivada, comprava coisas, pediu que a avó fizesse sapatinhos de tricô para trazer para o comitê. Aí veio o Dispensário. Ela foi a primeira vez como representante do Grauninha. Voltou empolgadíssima e já queria voltar lá, independentemente da ação do Colégio. Essa é a resposta quando a coisa é bem trabalhada. Quando a segunda leva de alunos foi ao Dispensário, ela foi proibida de ir. Ela me dizia: “Papai, eu sou do Grauninha, quero ir, adorei aquelas crianças”. Eu expliquei que deveria ser para dar a oportunidade de outros participarem. Ela insistiu, mas não foi. Falou para a Edna que eu iria levá-la e foi aconselhada a esperar para ir dentro de uma programação do Colégio. Eu senti que naquela hora ela deu uma desanimada. Até hoje eu tenho um monte de coisas que ela me fez comprar antes dessa ida ao Dispensário. O problema semântico da palavra caridade é verdadeiro. Talvez se devesse discutir o sentido dessa palavra, porque hoje ela está mesmo associada a assistencialismo. Eu acho que seria o caso não de mudar o nome, mas de discutir o que significa caridade para o São Vicente de Paulo, nesse contexto, especificamente.

**Rosana:** Uma coisa que a Nina tem falado muito é que isso é uma via de mão dupla: no momento que você está ajudando, está recebendo também. Como um dos alunos que foram ao Dispensário disse: “Estou limpando minha alma”. É uma caridade para lá e para cá.

**Ivan:** É até para você refletir sobre o seu papel. Não é só o dar. É para pensar: você, como ser humano, o que faz? Não é se livrar de um sentimento de culpa pela pobreza do mundo. Eu acho que

é a questão de discutir o conceito de caridade dentro da filosofia do Colégio. Não há como dissociar tudo isso do fato de que São Vicente de Paulo, patrono do Colégio, foi o santo dos pobres.

**Drago:** Caridade era uma palavra usada por São Vicente. Há anos, quando o Colégio São Vicente foi um grande centro de resistência política, na época da ditadura militar, não se podia falar um termo desses. Mas essa escolha não foi da Escola. A Escola hoje levaria pelo menos uma hora para explicar aos alunos esse nome. Então, acho que daí já começou uma resistência dos alunos. Essa nossa comunidade está mais para palavras como justiça, mais dos dias de hoje. Eu acho que isso quebrou um pouco.

### Solidariedade X responsabilidade

**Alluana:** Eu achei ótimo. Quando surgiu esse projeto, eu já visitava o Dispensário, já dava aula no supletivo. Então, para mim, foi só uma confirmação do que já estava acontecendo. Esse nome (Globalização da Caridade) parece que é complicado para as pessoas. Eu já ouvi pessoas dizerem que ele tem cara de teoria. Acho que, mesmo com esse nome, está todo mundo engajado, querendo participar. Acho que a gente percebe o quanto é útil. A gente chega ao Dispensário, as crianças pulam no colo da gente. Todas me chamam de mãe. Talvez devessem inserir esse projeto de uma maneira um pouco mais informal. Eu acho o projeto maravilhoso, mas está sendo apresentado como mais um trabalho que você tem que fazer para o Colégio. Como foi a Feira. Eu achei ótima, mas estou falando da realidade dos alunos: a gente tem aula todos os dias, inclusive sábado. Eu dei uma passada mais para dar uma força.

*Quer dizer que, pedagogicamente, os temas dessa campanha são trabalhados normalmente no São Vicente. O problema estaria na passagem dessa reflexão para a ação... O que impede essa passagem?*

**Janaína:** Eu acho que uma outra coisa daria muito mais certo. Vamos montar *stands* com projetos do Colégio. Mas vamos pegar também projetos que não são do Colégio, como Ação da Cidadania, AfroReggae. Esquece as aulas de um sábado, que não vão fazer tanta falta, e coloca esses grupos para se apresentarem e depois falarem um pouco sobre o trabalho. Chama o pessoal do AfroReggae para dar uma oficina de percussão. É isso que tem que ter. Não adianta só colocar um curralzinho falando do supletivo, por exemplo.

**Jéssica:** Ouvindo as meninas falarem, eu acho que existe um desafio para nós, professores e Escola, de fazer essa ponte. A gente tem uma vida corrida, trabalha em muitos lugares, tem muito claro o programa da sua disciplina, mas falta mesmo tornar essa reflexão prática como vocês disseram. Eu não tenho muita resposta para isso. A gente também está passando de uma reflexão em sala de aula para campo. O que foi solicitado para nós é que todas as séries deveriam ter uma proposta de ação, não ficar só na reflexão. Mas até a integração, a articulação disso é complicada porque nós nos perdemos, presos a uma série de atividades. Não estou justificando, mas falando de uma dificuldade de todos. Esse projeto foi apresentado a nós, professores, mas eu acho que faltou ouvir os alunos nessa escolha. Não houve tempo para viabilizar isso. Teve professor que insistiu nisso: "a gente tem que ouvir as turmas". No caso da 8ª série, nós escolhemos a Fundação São Martinho. É um trabalho muito interessante, mas hoje, depois de ouvir o relato de quem foi lá, eu tenho uma interrogação: se foi uma escolha adequada para pessoas da faixa etária dos alunos de 8ª série.

**Alluana:** Um dia eu estava indo para o Dispensário e vi umas crianças muito pequenas lá. Tem que parar para organizar isso de acordo com a idade. Não dá para uma criança de dez anos fazer aquilo. Lá, por exemplo, todas as crianças choram muito. Qual a solução?

Você brinca, dá um brinquedo, vai pra outro. Agora, se cada criança que chora você pegar no colo, quando colocar no chão, ela chora de novo. Fica viciada em colo. Imagina o dia que você não estiver lá.

**Ivan:** Mas a minha filha, por exemplo, foi lá não só para cuidar das crianças. Eu acho que o importante é a experiência, se engajar nisso. Você tem razão, se for um trabalho repetido, uma ajuda que o Colégio vá dar, precisa mesmo organizar. Mas acho que esse início foi mais para engajamento. Ela me dizia: "as crianças são muito fofinhas, peguei no colo". Você está em outra fase, vê pelo seu ponto-de-vista, a necessidade de ajudar. Uma criança de 4ª série vai para brincar.

### Avaliando o trabalho

**Drago:** Eu acho que o que estamos fazendo aqui é uma avaliação do que está ocorrendo. Reunir os alunos aqui foi importantíssimo.

**Ivan:** Acho que é preciso rever algumas coisas. Como essa história que aconteceu com a minha filha. Está gostando do jogo e não pode assistir mais. Uma coisa burocrática não cabe num momento desse. A filosofia não é número. Eu falei com a Liliane que eu queria que minha filha participasse e que ela queria muito, por iniciativa própria. Ela e uma colega que nem é aqui do Colégio botaram anúncio em todos os andares do meu prédio pedindo alimentos para o Grauninha. Aquilo para ela foi terrível.

**Drago:** Essa avaliação tem que ser feita. O Rafael falou uma coisa fundamental em relação ao assistencialismo. Quando eu me envolvi na questão do supletivo, a idéia não era ficar dando lanche. A idéia é melhorar o padrão de vida deles, a parte profissional. Criem condições

para essas 200 pessoas poderem avançar. Esse projeto é para isso e não para ficar dando cachorro-quente todo dia.

**Kedma:** Outra coisa importante no que foi dito é o não fazer por obrigação, mas por consciência e amor. Isso é um desafio.

**Rosana:** Só de ver o grupo do São Vicente tomar essa iniciativa, eu acho que já está tendo festa no céu. Porque você começa a internalizar isso e mudar a mente. E na bíblia tem uma passagem em que Jesus diz que nem um copo d'água que você der, desses pequeninos, vai passar despercebido diante do meu Pai. Um pouco que cada um de nós está doando, com certeza, é muita coisa.

**Jéssica:** Eu queria reforçar que concordo com o Drago integralmente. Mesmo que a gente socorra as necessidades imediatas, não pode ficar só nisso: tem que trabalhar com um projeto de inserção no mundo, de transformar, de possibilitar que essas pessoas possam efetivamente transformar, sejam capazes de mudar a própria vida. Ao mesmo tempo, acho que o nosso grande desafio é não apenas passar da teoria para a prática, mas também fazer com que essa ação que a Escola está propondo seja absorvida pelos alunos e os coloque como cidadãos responsáveis não só agora, mas pelo resto de suas vidas. E que até ao votar e participar de diversos aspectos da vida comunitária, seja no sindicato, seja como profissionais, tenham essa visão de mundo, de que cada um é responsável pelo todo, pelo que está ocorrendo. Acho que essa deve ser uma preocupação nossa constante. E o nosso desafio é fazer essa ponte. Eu confesso que tenho algumas dificuldades, ainda não consegui encontrar uma saída para isso. ■

ROSANA, KEDMA, IVAN E DRAGO



# A LIÇÃO DO SANTO

“F

ança como São Vicente:

ajude toda essa gente.

São Vicente era maneiro,

Ajudava o povo inteiro.

São Vicente dava comida

Para os pobres não perderem a vida.

São Vicente foi um santo

Que ajudou o povo inteiro.

Ajudou, ajudou, ajudou,

Sem receber nenhum dinheiro”.

*Rafael e Gabriel, T. 43 (2001)*

O povo era pobre. Sofria pela fome e pelas guerras. Metade das crianças nascidas morriam antes de se tornarem adultas. A desigualdade social era tanta que podia ser percebida até na expectativa de vida das pessoas de diferentes classes: os burgueses viviam quase o dobro de anos do que os cidadãos comuns.

Se esse cenário lhe parece familiar, você vai concordar que São Vicente de Paulo é um santo muito atual. Porque o texto acima é, segundo ele, o retrato da França na época em que viveu, entre os séculos XVI e XVII. Esses são os olhos do homem que virou padre por ambição e santo por caridade; que teve a coragem de dar uma guinada e dedicou sua vida aos pobres.

## Do campo ao sacerdócio

Vicente de Paulo nasceu no sul da França, em 1581, filho de camponeses pobres. Como era estudioso, o pai apostou nele para garantir uma vida mais confortável à família. Ser padre, naquela época, era um bom caminho para a ascensão social. Vicente foi estudar na escola dos franciscanos e chegou a doutor em Teologia pela Universidade de Tolosa. Em 1600, foi ordenado padre.

Fez diversas tentativas, mas não conseguia ter êxito social. Chegou a

receber herança de uma senhora idosa, o que lhe causou mais problemas do que benefícios. Com dez anos de sacerdócio, já em Paris, Vicente tornou-se capelão da corte de Margarida de Valois, ex-esposa de Henrique IV. A vida não estava sendo fácil.

Mas uma mudança interior fez com que, naquilo que escolheu como carreira, Vicente encontrasse sua verdadeira vocação. Muitos atribuem o início dessa mudança à influência de Pierre de Bérulle, um dos pioneiros do renascimento da vida espiritual na França, que Vicente escolheu como seu diretor espiritual. O fato é que Vicente de Paulo mudou, descobriu o caminho dos pobres e, nele, encontrou-se com Deus. Segundo Pe. Lauro Palú, diretor do Colégio, ele tinha como maior virtude “uma fé que eu diria ‘alucinada’, visionária, transfiguradora, que reconhecia Deus nos Pobres (chegava a dizer que devemos ver nos loucos a sabedoria encarnada de Deus!). E, além disso, uma confiança enorme na capacidade das pessoas”. Foi assim que começou sua trajetória em direção à santidade.

## Dedicação aos pobres

A vocação no sacerdotício, ele descobriu pela própria experiência. É por isso que, segundo G. van Winsen, CM, Vicente de Paulo é um santo tão humano. Mais do que isso: um santo que soube aproveitar os acertos e tropeços da vida de homem. Soube usar a ambição, por exemplo, em defesa do seu objetivo de cuidar dos pobres. Como diz, Pe. Lauro: “Era ambicioso, imaginoso, um cavador de marca, que não queria perder nenhuma oportunidade. Por isso conseguiu tanto”. Já além: Vicente era um grande galanteador, capaz dos mais elabo-

rados elogios para conseguir ajuda à sua obra de vida.

Quem diria que o homem que teve vergonha do pai, por ser um simples lavrador, passaria a viver pelos pobres. Em Folleville, ele foi tocado pela miséria espiritual e começou a colaborar com missões de evangelização.





# DOS POBRES

Mais tarde, como pároco em Châtillon-les-Dombes, descobriu a miséria material. Foi pelo contato com os famintos, de comida e de fé, que Vicente entendeu seu papel no mundo, como sacerdote. Passou não só a viver no meio dos pobres, como investiu na multiplicação das suas ações. Criou, em 1617, a Confraria da Caridade, hoje Voluntárias da Caridade; em 1625, fundou a Congregação da Missão, que reunia padres e irmãos com o objetivo de evangelizar os pobres; e em 1633, criou a Companhia das Filhas da Caridade, que organizava mulheres para servirem aos pobres, nas ruas e nas casas. "Ele era um homem à frente de seu tempo", admira-se Pe. Maurício, diretor-administrativo do Colégio. Pe. Lauro desenvolve: "Foi um pioneiro, um revolucionário, um secularizado radical, que valorizava as realidades terrenas, sabendo encontrar nelas a presença de Deus".

Fazendo e pregando a caridade, São Vicente de Paulo fez nascer uma obra que, mais de três séculos depois, ainda continua viva e forte, e da qual o Colégio faz parte. Ele morreu em 1660, pouco antes de completar 80 anos, e foi canonizado em 1737, pelo papa Clemente XII.

Mas seus ensinamentos ficaram. Para Pe. Maurício, o maior deles foi a solidariedade prática, efetiva, com a vida dos excluídos, baseada em uma ação realmente transformadora da realidade. "São Vicente nos ensinou a fazer 'com o pobre' e não apenas 'pelo pobre'. E essa é uma ação de companheiro, de resgate de dignidade", explica. Como patrimônio aos lazaristas, São Vicente deixou, segundo ele, a hu-

mildade e a marca da familiaridade nas relações. "Isso é o que se ganha da experiência com os pobres", diz.

E a maior lição deixada pelo homem, padre, santo Vicente de Paulo? Pe. Lauro responde: "Acho que foi a necessidade de organizar as boas vontades, para que sejamos mais eficazes no serviço dos Pobres. E, ainda mais, ver os Pobres como nossos patrões, nossos senhores e nossos mestres, em cuja escola devemos matricular-nos. No Colégio, tentamos levar adiante duas grandes intuições de São Vicente: formar multiplicadores de nossa ação em favor dos Pobres e formar agentes de transformação social". ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

ELISA E BRUNA, T.42 (2001)



ROBERTA E MARIA PIA, T.42 (2001)



CAROLINA E AMANDA, T.41 (2001)

LAÍS E BEATRIZ, T.41 (2001)



# UM É POUCO, DOIS É

**E**ste ano, as comemorações pelo dia de São Vicente superaram as expectativas. Foram três dias de festa e alegria. O Tríduo Vicentino, organizado dentro do espírito da Campanha da Globalização da Caridade, foi uma verdadeira homenagem ao patrono do Colégio.

## A missa e a festa

A sexta-feira, dia 27 de setembro, foi marcada pela celebração de uma missa festiva e pela confraternização com os amigos presentes.

A arrumação do altar chamava a atenção de todos: sem ricos ornamentos ou luxo, que em nada combinam com a personalidade de São Vicente, mas a simplicidade de panelas e pratos que lembravam a neces-

sidade de se refletir sobre a questão da fome no mundo.

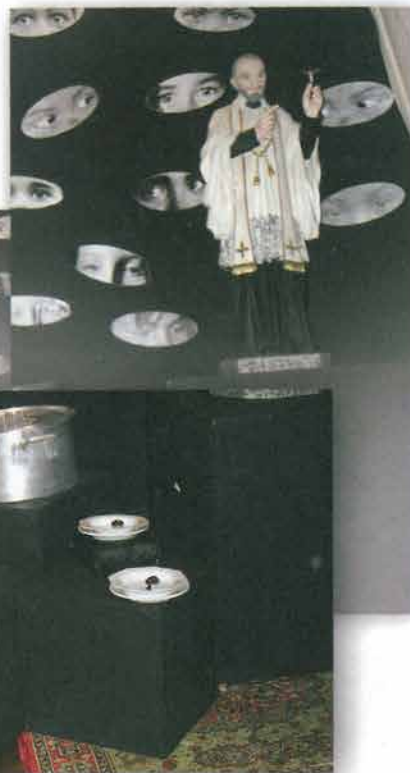
No folheto da missa, as palavras de Pe. L. Mezzadri definiam de forma sucinta a essência da vida e da obra de São Vicente: "...como alguém que sobre a proa do navio desafia intrepidamente as ondas dos oceanos, ...nos anuncia um novo modo de presença na Igreja e no mundo, através da caridade. Caridade que responde não às necessidades do homem, mas ao homem que está em necessidade".

No auditório praticamente lotado, convidados de vários ramos da Família Vicentina, amigos, alunos, pais, professores e funcionários do Colégio participavam intensamente de cada momento da celebração.

Na Homilia, Pe. Lauro não precisou de uma câmera fotográfica para fazer um retrato fiel do Santo patrono. Ele o fez com palavras, apresentando um pouco da história de São Vicente e dando uma



MISSA DE SÃO VICENTE:  
SIMPLICIDADE E EMOÇÃO



verdadeira aula sobre o espírito que movia suas ações: "São Vicente não idealizou os Pobres. Foi a eles, viu os sofrimentos, a fome, as lágrimas, os gritos, sentiu o próprio bafo pestilento dos que morriam amontoados nos corredores dos hospitais. E mandou ir às casas dos Pobres, para ver os que realmente precisavam de ajuda. Mas que não soubessem por que os estavam indo visitar, porque, senão, os que tivessem alguma roupa a esconderiam para darem a impressão de que estavam sem nada, e acabaria faltando para quem precisava de fato. Não foi aos Pobres apenas por indignação ética, por sentir raiva da pobreza ou ódio dos ricos. Aqui entram os paradoxos de sua fé, pois dizia às Irmãs que deviam ver nos loucos a sabedoria encarnada de Deus; dizia que três fazem mais do que dez quando Deus nos dá u'a mão e que ele sempre nos ajuda quando tira os meios de agir de outro modo; dizia que as Irmãs deviam deixar até a missa de domingo para ir a um doente que

# BOM, TRÊS FOI ÓTIMO



PADRES MAURÍCIO, GERALDO MÓL, GERALDO BARBOSA, LAURO, RAFAEL, GABRIEL FORTIER



tivesse necessidade urgente dos sacramentos ou de um remédio. Não estava comparando a hóstia consagrada com a aspirina ou o cataplasma, queria dizer que tanto o sacramento como o remédio são importantes porque são levados para o doente, esse sim o verdadeiramente importante aos olhos da fé, aos olhos de Deus. Nesta linha é que dizia, de modo revolucionário, que os Pobres são nossos patrões e senhores, nossos mestres. Não temos que nos abaixar para ficar no nível dos Pobres, como tantas vezes dizemos. Temos é que subir para o lugar eminente onde estão,

na Igreja de Deus, os preferidos de Deus, os membros sofredores de Jesus Cristo”.

A procissão das oferendas, da qual participaram alunos e representantes de grupos apoiados pelos movimentos sociais do Colégio, foi mais um motivo de surpresas e encantamento. Junto do vinho e do pão, um carrinho de mão cheio de legumes e verduras que, depositados no altar, serviriam mais tarde para o preparo da sopa do Domingão Vicentino. O ambiente reforçava a idéia de que a fé e o respeito podem, e devem, andar de mãos dadas com a alegria e a descontração.

Na preparação para a comunhão, Pe. Maurício puxou o canto e lembrou a importância e o significado da eucaristia, afinal todos estavam ali como se estivessem em torno da mesa, partilhando o alimento. Lembrou que o próximo não é apenas alguém que está perto de nós, mas são todos aqueles de quem nos aproximamos.

No final da missa, a Oração da Família Vicentina foi rezada em uníssono por todos os presentes:

“ Senhor Jesus, Tu que te fizeste pobre,  
Faze que tenhamos os olhos e o  
coração voltados para os pobres  
E que possamos reconhecer-Tê neles;  
Em sua sede, em sua fome, em sua  
solidão e em sua dor.

Suscita em nossa Família Vicentina  
A unidade, a simplicidade, a  
humildade

E a chama da caridade  
Que inflamou o coração de São  
Vicente de Paulo.

GRAÇA, JOSÉ EDUARDO E HÉLCIO





Dá-nos força para que, fiéis à prática  
destas virtudes,  
Possamos contemplar-Te e servir-Te na  
pessoa dos pobres  
E um dia unirmo-nos a Ti e a eles no  
Teu reino.  
Amém”

Depois da missa, uma inovação tornou a festa ainda mais apropriada: o tradicional coquetel oferecido pelo Colégio foi substituído por um lanche comunitário. Os alimentos trazidos por todos pareciam se multiplicar. Ao microfone, professores se revezaram cantando e lendo poesias. Nas mesas, o papo descontraído e a satisfação de rever e estar com os amigos. A fatura composta pelo pouco que cada um trouxe e a felicidade da partilha poderiam servir de metáforas para nossa vida diária. Não restou dúvida entre os presentes: o Tríduo Vicentino foi aberto com chave de ouro.

### A Feira da Globalização da Caridade

No dia 28 pela manhã, apesar da festa do dia anterior, lá estavam todos dispostos a muito trabalho. Fisicamente, a Feira da Globalização da Caridade poderia parecer igual a outros eventos do mesmo tipo que o Colégio costuma organizar. Mas, em essência e motivação, essa era certamente uma Feira diferente. Realizada com o objetivo de sensibilizar alunos e pais, atraindo-os para se juntar aos vários trabalhos sociais já em andamento, a Feira parecia envolta em um clima de solidariedade e amor ao próximo. Cada uma das pessoas presentes, ao seu modo, procurava conscientizar os visitantes da

necessidade de participar ativamente da Campanha idealizada pela Família Vicentina.

Nos painéis de entrada do Colégio, mensagens de São Vicente preparavam os corações para o que se ia encontrar mais adiante. “Não basta gostar de uma idéia e nem mesmo é suficiente tomar uma resolução. A meta só se alcança, vencendo-se a si mesmo”, era a palavra do Santo para os que chegavam. Fotos de Sebastião Salgado traziam para dentro do Colégio um pouco da grande miséria que ainda existe no mundo e serviam para reafirmar a importância da Campanha. O recado estava dado e era confirmado pelos números estampados nos cartazes, nos quais se lia, entre outras coisas, que, nos últimos 50 anos, 400 milhões de pessoas morreram de fome no mundo, mais de três vezes o número de mortos em todas as guerras. Não foi à toa que, de 27 de setembro de 2001 a 27 de setembro de 2003, todos os ramos da Família Vicentina resolveram concentrar energias no sentido de combater a fome, considerada o maior flagelo mundial.

No pátio e no subsolo, um pouco de cada uma das ações que grupos do Colégio estão desenvolvendo por conta da Campanha. Nas barracas, a venda de artesanato, comidas e rifas tinha o objetivo de angariar fundos para o desenvolvimento dos inúmeros projetos. E, mais do que isso, estavam expostos os próprios projetos. Estavam lá as Voluntárias da Caridade, mostrando um pouco de todo o trabalho que já realizam regularmente. Junto delas, na Feira e nas ações, as 1ª e 2ª séries do Ensino

Fundamental. As crianças, cujo projeto é dar apoio à Creche Cristo Redentor, recolhiam alimentos e buscavam a ajuda de profissionais — pediatras, dentistas, contadores de histórias — que pudessem colaborar no trabalho.

Na barraca das 5ª e 6ª séries, os professores José Eduardo, Marlúcia e Graça mostravam um pouco do projeto de montagem da biblioteca no Morro dos Guararapes, afinal, como diriam os Titãs: “a gente não quer só comida...”. Os alunos, por sua vez, organizaram um sebo com muitos livros e revistinhas em quadrinho. Num mundo onde o conhecimento é a chave para a inclusão, a iniciativa merece aplausos e muito apoio.



LAURO, GILBERTO E ROSA EXPONDO O TRABALHO EM COCOS





ASSOCIAÇÃO DO MARTINHO: PRODUTOS DA PADARIA-ESCOLA, OFICINA DE ORIGAMI E VENDA DE ARTESANATO



VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE

A 7ª série e um grupo do Ensino Médio apresentaram seu trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio, respectivamente o Projeto Social e o Projeto de Monitoria, que acabam se integrando na busca da melhoria da qualidade de vida dos alunos do curso noturno. O Projeto Social envolve ainda o fornecimento de material escolar e lanche diário, o estabelecimento de contato com os padrões dos alunos, no sentido de viabilizar a frequência, a pontualidade, e diminuir a evasão escolar, e o atendimento individualizado para alunos que necessitem de assistência jurídica ou de acompanhamento profissional especializado, como em fonoaudiologia e psicopedagogia.

O pessoal do EJA, no entanto, não está de braços cruzados. E lá estavam eles, mostrando o seu trabalho e vendendo exemplares do *Jornal Criativo*, produzido pelos alunos, com apoio da professora Valéria Baptista. A venda do jornal foi feita em benefício dos alunos mais carentes. Na poesia "Sementes", de Maria

das Dores Caetano, da T. 41, uma pequena amostra do que sentem os alunos do EJA.

"Algumas pessoas vivem de relembrar o passado:

'Como eram bons os velhos tempos!'

Outras vivem esperando por algo que ainda vai acontecer no futuro:

'Vou ser feliz quando ele gostar de mim!' ou

'Vou me sentir realizada quando tiver um bom carro' ou ainda

'A vida será bela quando conseguir o emprego dos meus sonhos'

Será que no passado você achava aqueles tempos tão bons assim?

Aproveite o aqui e o agora e plante sementes para ter um amanhã cada vez maior!"

Como convidada da 8ª série, a Associação Beneficente São Martinho trouxe artesanato e muitos produtos de sua padaria-escola, além de organizar oficinas de origami e cartões de Natal. As pessoas ajudavam enquanto se divertiam.

As 3ª e 4ª séries e um grupo do Ensino Médio aproveitaram a Feira para mostrar seu trabalho com o Dispensário São Vicente de Paulo. Fotografias e depoimentos falavam da alegria dos alunos envolvidos com o projeto.

O reaproveitamento dos alimentos, questão importante quando se fala em fome e desperdício, era o tema da barraca da 4ª série. Num projeto das professoras Rosana Mota, de Ciências, e Sônia Bueno, de Inglês, as crianças foram enfáticas em seu pedido: "*Please, don't waste food*".

Também estavam presentes o Grauninha e o Projeto Cocos, o curso de Corte e Costura, a APM e muitos outros. Na saída, os que quiseram puderam preencher um formulário de



adesão à Campanha. Tanta gente reunida em nome da caridade e da solidariedade foi, com certeza, um belo presente para São Vicente.



BANDA MARCIAL DA SÃO MARTINHO ABRE O DOMINGÃO

VOLUNTÁRIOS NO PREPARO DO SOPÃO

## O Domingão Vicentino

Com o cansaço jogado para escanteio, o domingo começou cedo para quem resolveu fechar em grande estilo o Tríduo Vicentino. A programação incluía a apresentação da Banda Marcial da São Martinho, um lanche festivo, brinquedoteca, recreação com os professores de Educação Física, muito esporte nas quadras, aplicação de flúor — realizada pela Urmes, com ajuda de Mônica Cidade (mãe da Isadora – T. 42) e de Delaine Oliveira (antiga aluna) —, pintura corporal, oficina de mímica, teatro, dança e muitas outras coisas. Tinha atividade para todos os gostos.

As portas do Colégio estavam abertas. Os convidados foram chegando e, aos poucos, o pátio foi se enchendo de carinhas risonhas. A timidez ia se transformando em alegria contagiante e, das 9h às 13h, o São Vicente virou um grande parque de diversões. Estavam presentes crianças e adolescentes das creches Cristo



## UM PROGRAMA ESPECIAL

Contagiados pela mais pura emoção, procuramos transbordá-la, levando-a ao conhecimento dessa administração por nos conceder a oportunidade de confraternizar toda a harmonia vivida na linda e ensolarada manhã de domingo.

Essa igualdade, pregada por diversos setores, transformou-se em verbo e foi vivenciada nas idas e vindas de jarras com sucos, no lanche festivo, no preparo do sopão amigo, na arrumação das mesas e cadeiras, no decorrer das apresentações no auditório, nas oficinas de pintura, de brinquedos e de mímica, e em tudo mais.

Foi um programa especial, singular, que superou qualquer outra opção de passeio, praia, sítio ou qualquer outro evento semanalmente presente em nossas rotinas.

Sáímos da Escola bem mais leves, nossa tarde tornou-se mais perfumada, estendendo-se pela noite e por toda a segunda-feira. Nosso pequeno Pedro Henrique (T. 32) pôde viver por algumas horas a mesma realidade por ele vista em alguns orfanatos que já visitamos, tendo como cenário o belo ambiente da sua Escola e a igualdade do espaço com a almejada harmonia que certamente eternizou-se na mente de cada um de nós e, principalmente, na de nossos pequenos visitantes.

Brindados com a oportunidade trabalhosa e organizada por essa prestigiosa administração que se supera a cada evento, manifestamos a nossa gratidão pelos reais valores vividos por nós nesse especial “domingão”.

Ao escolher o CSVP para o ensino de nosso filho, fazíamos uma pequena idéia das nossas realizações. Hoje, porém, enxergamos traços mais fortes e cores mais vibrantes em nossa feliz opção.

Recebam assim esse nosso primeiro *e-mail* como um sinal de apoio a todas as belas campanhas promovidas.

Parabéns para todos nós!

*Flávio Martins e Rosângela Maria*

Redentor, Acari, Santa Bárbara, Flor de Lis e Tia Amália; do Dispensário São Vicente de Paulo; da Fundação Romão Duarte; da Casa de Apoio do Instituto Nacional do Câncer; e da Associação Beneficente São Martinho.

Alunos, pais, professores e funcionários foram incansáveis na assistência à criançada e no preparo do lanche e do sopão. A recompensa? Saber, por exemplo, que Cristiane Maria, que tem 13 anos e vive na Creche Santa Bárbara há 11 anos, acredita que sua vida fica mais bonita quando ela recebe carinho, amor e respeito.

Perto do encerramento da festa, enquanto os voluntários preparavam o sopão, o auditório lotado acompanhou



CRISTIANE MARIA: “VIDA MAIS BONITA”



SORRISOS MOSTRAM ALEGRIA NA  
HORA DO SOPÃO



primeiramente as apresentações de aero-dance, com as alunas da São Martinho, e de violino, com a aluna Silvia Costa, do CSV. Depois, assistiu com muita atenção à peça teatral *A rainha está pelada*, com o grupo do professor Lauro Basile. Para terminar, um belo espetáculo, no qual o mímico Duda de Olinda, junto com as crianças que participaram da oficina, mostrou que, apesar de tantas dificuldades, o destino do mundo está em nossas mãos. A festa foi mesmo linda. São Vicente deve ter aplaudido de pé. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

SHEILA DE CASTRO ARCURI



## RIMA RICA E RIMA POBRE

Há rimas ricas na vida  
e rimas pobres também.

Se esta vida é uma batalha,  
não rima só com mortalha  
nem mesmo só com migalha.

Da vida, quero é medalha.

Não acredito que mundo  
só rime com vagabundo.  
Sorte só rima com morte?  
Eu rimo sorte com forte.  
Invento rima pra sonho,  
pra não rimar com medonho.

Não vou rimar todo dia  
apenas com agonia.  
Rimo dia com sorvete  
e viva a sorveteria!

Como não quero rimar  
esmola com cheirar cola,  
nesse verso tiro a esmola  
e em seu lugar ponho escola.

Um amigo e companheiro  
não rima bem com dinheiro,  
mas rima com dia inteiro.

Não rimo jogo com fogo,  
que é rima pobre, mas rimo  
com festa, riso e cocada,  
pipoca e moça bonita,  
pois jogo rima com fita,  
menina rima com flores,  
menino rima com sino.

Aprendi isto na escola:  
a rima ajuda a memória.

O que é que rima com briga?  
Não é nunca a mão amiga.  
E se alguém for ajudado  
rimará com obrigado.

Também aprendi na escola:

Rima pobre é pão com não.  
Rima rica é quando pão  
faz rima com comerão.

Pe. Lauro Palú, C. M.  
Rio, 29 de setembro de 2002

osso mundo começa o novo milênio carregado com as contradições de um crescimento econômico, cultural e tecnológico, que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades e deixa milhões e milhões de pessoas não só à margem do progresso, mas envoltos em condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana”

(João Paulo II, *Novo Milênio Ineunte*, p. 50)

Fazendo eco a esta grave denúncia do Papa João Paulo II e no esforço de entrosamento e articulação da Família Vicentina (FV), Dirigentes Internacionais de alguns ramos da FV, reunidos em Paris, no dia 11/02/01, decidiram escolher a **problemática da fome** como desafio em torno do qual os ramos e pessoas da FV deveriam concentrar seus esforços de reflexão e de ação conjunta de serviço aos pobres, nos dois próximos anos.

Tendo como lema a “Globalização da Caridade: luta contra a fome”, todos os segmentos da FV estão sendo convocados para fazer um grande mutirão em favor da vida, desenvolvendo e intensificando esforços e iniciativas solidárias no sentido de que o “o pão nosso de cada dia” seja mais repartido e chegue a mais mesas das pessoas empobrecidas. Concretamente, a proposta de luta contra a fome visa a: um atendimento emergencial aos que vivem em situação de fome, o desenvolvimento de atividades promocionais e uma ação junto às causas geradoras de fome e de empobrecimento.

O Projeto “Globalização da Caridade: luta contra a fome” propõe que os grupos de inspiração vicentina unam suas forças e busquem juntos intensificar e inovar suas atividades de combate à miséria e à fome. Dentro de suas modestas possibilidades, somem forças com pessoas de boa vontade, grupos e movimentos sociais e eclesiais que, hoje, reivindicam uma ordem sócio-econômica de solidariedade, de justiça social e de vida digna para todos.



Na perspectiva da fé cristã e iluminada pelo testemunho de São Vicente de Paulo e de tantos homens e mulheres que assumiram a causa da justiça e da defesa dos pobres, a FV entende que a caridade de Cristo, que se compadecia da multidão faminta (Mc 8,2), exige de nós um amor efetivo no atendimento às necessidades básicas das pessoas carentes e na promoção de condições de vida digna e justa para os milhões de famintos e miseráveis de nosso mundo.

Entende a FV que o fenômeno da miséria e da fome não é casual, mas consequência de um sistema sócio-econômico que avança e se impõe em quase todos os países. Nas palavras de João Paulo II, trata-se de “um sistema conhecido como ‘neoliberalismo’; sistema este que, apoiado numa concepção economicista do homem, considera o lucro e as leis de mercado como parâmetros absolutos em prejuízo da dignidade e do respeito da pessoa e do povo (*Ecclesia in America*, n. 56)”. Em conformidade com a Doutrina Social da Igreja e contra o atual processo de globalização neoliberal e assimétrico, a FV

se propõe a uma ação ampla e diversificada de:

1. **Anúncio** das exigências éticas e evangélicas para a construção de uma sociedade de respeito à dignidade humana, aos direitos fundamentais da pessoa, e de promoção das condições básicas para uma vida solidária, fraterna e justa.

2. **Denúncia** dos efeitos nefastos da fome e da miséria, dos mecanismos e políticas geradoras de acumulação dos bens, de fome e de injustiça.

3. **Promoção** de ações transformadoras, de combate à fome e à miséria no interior da Família Vicentina e junto com a Igreja e setores da sociedade comprometidos com os pobres. Iniciativas e projetos que atendam às necessidades básicas dos pobres e necessitados, não apenas em nível de assistência emergencial, mas também em nível amplo de formação das consciências, de atuação junto às causas geradoras de pobreza, de colaboração na organização sobretudo dos pobres, de mobilização dos cristãos e pessoas de boa vontade para um trabalho na erradicação da fome, na promoção do respeito aos direitos humanos de todos e na



# BUSCA DE UM IDEAL

construção de sistema sócio-econômico solidário e justo.

Em diversos países, a proposta de Globalização da Caridade vai ganhando adesões e gerando iniciativas concretas. Em particular, no Brasil, diversos ramos da FV têm participado ativamente, como a Associação Internacional de Caridades (AIC), a Congregação da Missão, as Filhas da Caridade, a Juventude Marial Vicentina (JMV), os Vicentinos (SSVP), os Religiosos de SVP, as Irmãs de SVP de Gysegem, os Fráteres da Misericórdia, os Leigos Missionários Vicentinos e diversas pessoas amigas e de boa vontade... Encontros de estudos sobre a realidade da fome, sobre as políticas públicas sociais, sobre as exigências atuais da Caridade, etc., têm sido realizados em diversas localidades; construção de Refeitório Comunitário para pessoas carentes (em Belém/PA, Santa Vitória/MG, Fortaleza/CE), construção de Cisternas Caseiras (em Carinhanha e Serra do Ramalho/BA), atendimentos emergenciais ('Panela Compartilhada', em Brasília/DF; distribuição de cestas básicas, na Baixada Fluminense), campanhas e mobilizações populares contra a fome, parcerias entre ramos da FV e com outras entidades de serviço aos pobres, projetos sociais em periferias carentes (Bairro Brejal, em Maceió/AL; Nova Sepetiba, no Rio de Janeiro/RJ), envolvimento da comunidade educativa em Colégios Vicentinos, etc., estão sendo programados e encaminhados, com perspectivas bastante fecundas e promissoras. No "amor que é inventivo ao infinito", como dizia São Vicente, a FV espera, com suas humildes iniciativas, ser um sinal e um instrumento de serviço que aponta para as exigências éticas e evangélicas na construção de uma sociedade justa e solidária, sem fome e miséria. ■



## PE. ELI FOI REELEITO

Pe. Eli Chaves dos Santos é o Superior Provincial, chamado Visitador, da Província Brasileira da Congregação da Missão, que é a entidade mantenedora do Colégio São Vicente.

É um bom sinal que o Pe. Eli, cuja posse foi no dia 1º de novembro, tenha sido eleito para este cargo há seis anos, reeleito há três anos e agora eleito para um terceiro mandato de mais três anos. Bem que ele pediu aos Coimões que o deixassem descansar um pouco... Mas o acerto de suas decisões, a prudência dos encaminhamentos que faz, a animação que tem dado ao Colégio, às missões populares e mesmo às missões no estrangeiro, o incentivo à pastoral vocacional e sobretudo à formação dos jovens, a ajuda qualificada que dá aos numerosíssimos grupos da Sociedade de São Vicente de Paulo (Vicentinos), além de um empenho muito especial na coordenação e animação da Família Vicentina em todo o Brasil, tudo isso levou os Padres, Irmãos (e os Seminaristas que já têm direito a voto) a elegê-lo novamente, com uma maioria consagradora, durante a Assembléia Provincial que se realizou no Santuário do Caraça, de 2 a 6 de setembro de 2002.

Na mesma ocasião, dois dos Padres que trabalham no Colégio foram eleitos Conselheiros da Província. Eu fui reeleito e Pe. Geraldo Eustáquio Mól Santos passou do Conselho do Economato para o Conselho Provincial.

Parabéns a toda a Direção da Província e o apoio de nossa Comunidade Educativa aos novos eleitos. ■

---

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM,  
da Coordenação Nacional da FV

---

Pe. Lauro Palú, CM



DIRETORIA DA APM PARTICIPA ATIVAMENTE DO TRÍDUO VICENTINO

## A APM NO TRÍDUO VICENTINO

Mais uma vez, a APM participou ativamente dos eventos do Colégio. Na missa de São Vicente, quase todos os membros da diretoria estiveram presentes para comemorar a ocasião. Na Feira da Globalização da Caridade, aproveitando a experiência adquirida em outras ocasiões, a APM ficou responsável pelo "restaurante". Com a ajuda de Adriana Barone, secretária da Associação, e das mães de alunos Mônica de Moraes e Aparecida de Oliveira, eles enfrentaram um trabalho duro e esbanjaram energia para dar conta do movimento. No cardápio, salsichão, churrasquinho bovino e de frango, uma deliciosa farofa e uma saudável salada com molho



vinagrete. O resultado não poderia ser melhor e o dinheiro arrecadado foi entregue ao Colégio para ser utilizado nos projetos ligados à Campanha da Globalização da Caridade. Mas o trabalho não parou por aí, e no Domingão Vicentino, lá estava a APM de novo, participando da festa e ajudando em todas as atividades. A turma do sopão agradece a colaboração.■

## ELEIÇÕES 2002

O GRECO organizou um ciclo de debates, como forma de discutir as propostas políticas dos candidatos às eleições. A APM gostou da idéia e resolveu colaborar com parte do patrocínio necessário para o encontro com os candidatos a vice-governador do estado do Rio, realizado no dia 24 de setembro. Estiveram presentes Luís



LUÍS EDUARDO, MARCELO CERQUEIRA, PEDRINHO, CARLÃO E JOSÉ AUGUSTO



Eduardo Soares (PT), Marcelo Cerqueira (PMDB), Carlão (PSTU) e José Augusto Silveira (PV). Ainda fizeram parte do ciclo de discussões, uma palestra da professora Ângela Paiva, de Sociologia, sobre a história dos partidos políticos do Brasil, ocorrida no dia 26 de agosto; um debate entre candidatos a deputado estadual, no dia 28 de agosto, com a presença de Eliomar Coelho (PT), Luiz Paulo Corrêa da Rocha (PSDB), André (PV); um debate entre candidatos a deputados federal, no dia 30 de agosto, com Lindbergh Faria (PT) e Chico Alencar (PT); e um debate entre candidatos ao Senado, no dia 2 de setembro, que contou com a presença de Arthur da Távola (PSDB) e Fernando Gusmão (PSTU). O mediador dos encontros foi o aluno Pedro Ballesté (3ºA).■

## FRUTO DO TRABALHO

Na revista anterior, havia, nesse espaço, uma matéria sobre o curso de corte e costura, uma das atividades sociais que o Colégio desenvolve com apoio da APM. Para quem não leu, o curso existe desde 1994 e oferece uma nova oportunidade profissionalizante no mercado de trabalho, ensinando a arte

da costura a alunos do EJA, moradores das comunidades próximas e a todos que pretendem ingressar nessa área. Na barraca do curso, na Feira da Globalização da Caridade, o depoimento de uma antiga aluna do São Vicente é mais uma prova de que, como diria Fernando Pessoa, tudo vale a pena, se a alma não é pequena. "Nas aulas é ensinado como modelar a partir do sistema *Tecnimod*. Esse sistema é muito simples e permite que, com poucas aulas, o aluno seja capaz de modelar calças, blusas, vestidos, etc. Depois, o aluno passa do molde do papel para o tecido, quando aprende a cortar e costurar. É com muita satisfação que escrevo sobre esse curso e a professora Lúcia porque sei que eles têm ajudado muitas pessoas a complementarem sua renda ou a fazerem dessa atividade seu principal trabalho, mas, principalmente, porque foi a partir desse curso que eu tive certeza do meu futuro acadêmico. Hoje, eu estudo *Design de Moda* e me sinto bastante realizada", conta Luísa Mendes Tavares.■



# O ESPORTE E A GLOBALIZAÇÃO DA CARIDADE

**P**roponho, neste artigo, uma reflexão a partir das contribuições de Milton Santos acerca do fenômeno da globalização. Segundo ele, em seu livro *Por uma outra globalização* (Ed. Record, 2001), hoje devemos considerar pelo menos três mundos: “o primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização”.

Na primeira perspectiva, para Vera Candau, no livro *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas* (Ed. Vozes, 2002), a globalização seria “um processo de desfazer fronteiras, de pensar o mundo como um todo comunicável... Muitas são as vantagens apregoadas à globalização: um mercado sem limites entre as nações, ideal de liberdade máxima, abrindo inúmeras perspectivas para os países de todos os mundos...” (grifo da autora). Poder-se-ia inserir nela o sonho olímpico

de integração universal, por meio do esporte. Um esporte capaz de unir os diferentes povos do planeta, independentemente de religiões, etnia, poder econômico e/ou político.

Na segunda perspectiva, Santos denuncia que “para a grande maioria da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades”. Aumentam o desemprego, a pobreza e a fome. Os avanços científicos, as novas tecnologias da comunicação e informação e uma educação de qualidade não estão disponíveis da mesma forma para todos. De modo semelhante, as atividades físicas recreativas, bem como o avanço tecnológico, aplicado ao treinamento desportivo, ainda não são acessíveis à maioria da população. Percebemos que não há locais suficientes para atender grande parte dela, carente desses recursos. Notamos também que a realização de grandes eventos desportivos mundiais não se mostrou capaz de atingir os objetivos iniciais: a união dos povos. Destacam-se aí os inúmeros boicotes políticos, as ameaças de atentados durante estas competições e a utilização do esporte com fins mercadológicos.

Todavia, o autor nos aponta para uma terceira perspectiva: a de podermos “pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana”. Nessa perspectiva, é possível sonharmos com a atividade física/desportiva como fator de inclusão e de exercício da cidadania, que compreende a totalidade dos direitos, incluindo-se aí o direito à saúde e ao lazer para todos. Pode-se identificar, hoje, em nossa sociedade, algumas iniciativas que apontam nessa direção: o trabalho de inclusão social realizado nas Vilas Olímpicas da Mangueira e Maré, as diferentes fundações que atuam no futebol, tais como Gol de Letra, Fundação Cafu, etc. e tantas outras, anônimas, que certamente se espalham pela nossa cidade, país e mundo.■

Paulo P. Nascimento  
Coordenador de Educação Física



Olimpíadas  
2002

*“Juro competir  
com lealdade e dignidade,  
respeitando os companheiros  
e o regulamento da competição,  
visando ao engrandecimento  
desportivo do  
nosso colégio e do nosso país.”*



Mais uma vez, numa prática que já está se tornando uma tradição, a realização das Olimpíadas do CSVP começou com a escolha do símbolo. A qualidade dos competidores tornou a decisão difícil. Mas o ganhador foi Bruno Maguita (T. 23) e a simpática bolinha marcou sua presença nos jogos realizados nos meses de setembro e outubro. Parabéns a todos os que participaram do evento!■

**UMA MISSA QUE DEU SAMBA**

Acaba de ser lançado em São Paulo um CD com a Missa *Cristo Pastor do Tempo*, composta pelos Padres Ronoaldo Pelaquin e Lauro Palú. Padre Lauro escreveu a maioria dos textos da missa e o Padre Pelaquin, redentorista, compôs as músicas e alguns textos. Os ritmos brasileiros, especialmente o samba, se animam de fé, tornam-se o compasso da respiração e o ritmo da oração de quem se encontra frente aos mistérios da vida e do universo, do pecado e do perdão, frente ao Deus três vezes santo e ao homem mesquinho e magnífico, torturador que infunde medo e astronauta que toca a face de Deus na santidade do espaço. Produzido e editado pela Sonart Produções e Gravações, com arranjos e direção geral de Hanilton José Messias, o CD tem 11 faixas, correspondentes aos momentos da missa em que o povo participa cantando: entrada, ato penitencial, glória, meditação, aleluia, ofertório, santo, cordeiro de Deus, comunhão, ação de graças, saída. A voz principal é de Adriano, o coral é formado por Cristiane Oliveira, Luma Oliveira, Rosane de Moraes, Estefany e Messias. O acompanhamento é de Lau na guitarra, Paulo de Moraes na clarineta e na flauta transversal, de Hanilton Messias nos teclados e na bateria/percussão.

**VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE COMEMORAM 42 ANOS DE TRABALHO**

No dia 19 de agosto, foram comemorados os 42 anos de fundação do núcleo do CSVP das Voluntárias da Caridade. A data foi marcada pela realização de uma missa e de um almoço festivo. As Voluntárias têm desenvolvido um trabalho importante com diversos grupos de pessoas carentes. Um trabalho que, segundo Tanya Buarque de Almeida, presidente do "Regional 6 Rio", nem sempre é muito fácil de ser realizado. "O grupo está reduzido e precisa urgentemente do apoio de profissionais como assistentes sociais, psicólogos e médicos para poder desenvolver outros projetos", explica ela. Mais do que nunca, as Voluntárias merecem parabéns!

**MISSÃO DE AMOR**

Aproveitando as férias de julho, um grupo de professores do São Vicente, foi para Cocos (BA) para dar continuidade ao trabalho de formação de professores que vem sendo desenvolvido há três anos. A equipe de professores que se dedica a esse projeto social aumenta a cada ano e hoje, além de Cocos, já atende também professores da comunidade de Carinhanha. Este ano, viajaram 13 professores: Edna

Gonçalves (1<sup>as</sup>. E.F.), Gilson de Oliveira (ex-professor, Matemática), Gerson Vellaco (Ed. Física), Lauro Basile (Artes), Maria de Lourdes Trindade (ex-professora, Ciências Sociais), Maria Margarida Cardoso (História), Maria Rosa Momesso (Ciências), Marluvia Silva de Oliveira (Matemática), Marcia Assis Vieira (1<sup>as</sup>. E.F.), Noemia Bittencout (Religião e Ciências) e Vera Costa Bomfim (Português).

**SABADÃO VOCAL**

Realizado no dia 24 de agosto, o Sabadão Vocal reuniu os mais diversos tipos de coralistas: os iniciantes, os simpatizantes, os praticantes e os profissionais cantantes. O evento também serviu como ponto de encontro entre alunos e antigos alunos que, ao som de boa música, compartilharam momentos de alegria e encantamento. Apresentaram-se, sob regên-



cia de José D'Assumpção, Malu Cooper e Patrícia Costa, o grupo da 5ª série, o Coral do Ginásio, o Coral do Ensino Médio, o Coral São Vicente a Cappella, o Coral Amigos do São Vicente e os grupos profissionais Conversa Fiada, Cinco a Seco e BomBando.



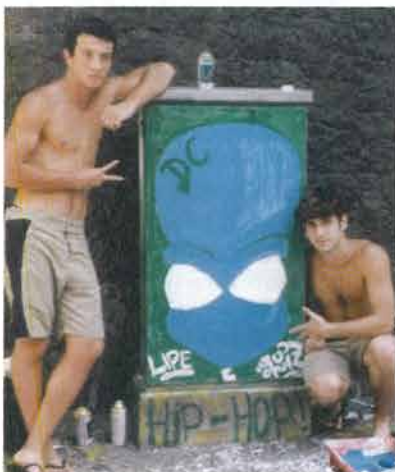
### APRENDENDO A AJUDAR

No dia 27 de agosto foi realizada, para os alunos do Ensino Médio, uma mesa redonda sobre o tema Trabalho Voluntário Solidário. O evento foi organizado pela orientadora educacional Maria Clara e pela professora Vera Bonfim (Português) e foi parte integrante do trabalho de sensibilização dos alunos para o projeto de Globalização da Caridade (ver página 12). A mesa foi composta por pais de alunos que estão engajados em algum Projeto Social, pela orientadora educacional Eleonora Caldeira (SOE) e pelos alunos Rafael Lenz e Luis Felipe Crestana, que fazem parte do grupo de alunos do Colégio que atuam como monitores no EJA. Os pais presentes foram: Ana Maria de Oliveira (TV Futura), Eliete Rosa (Associação Santa Clara), Gleyse Maria Couto Peiter (Comitê de Entidades pelo Combate à Fome e pela Vida – COEP), Helena Costa

Cavalcante de Albuquerque (Cruzada do Menor), Maria Ines Saadi de Tozatto (ONG Sociedade Brasileira para Solidariedade), Maruza Bastos de Oliveira (Juizado da Infância e Adolescência) e Paulo Villas-Boas Pinto (Pesquisador / Movimentos Sociais).

### INTEGRAÇÃO PELA ARTE

Os alunos Luiz Felipe Thomé, Filipe Esteves, Guilherme Baptista e Vinicius Cabral, da turma 1º D, fazem parte do grupo de grafite Difusão Crew (DC), cuja ideologia é a solidariedade. Para não ficar só no discurso, eles aproveitaram o convite feito por um morador e subiram o Cerro Corá, com suas armas: tinta spray e mente articulada. “Ao contrário dos pichadores, nós fazemos arte e não rabiscos nas paredes da cidade. O grafite é uma manifestação artística que tem como objetivo a crítica social”, afirmam. Foram recebidos de forma acolhedora por moradores e grafiteiros da comunidade, que assistiram e participaram ativamente das duas etapas do trabalho que deixou a quadra do morro muito mais bonita. O trabalho dos alunos contou com o apoio da coordenação da Pastoral, que forneceu o material necessário.



FILIFE ESTEVES E LUIZ FELIPE THOMÉ



### OLHA O LOBO GUARÁ!

Aproveitando o feriado, 44 alunos do 3º ano do E.M. foram ao Caraça, de 12 a 15 de outubro, em busca de uma energia extra para a maratona dos vestibulares. Do grupo, participaram também os professores Alexandre Junqueira (Geografia), que organizou o passeio, Maria Christina Sid (Biologia) e Fernando Luiz (História), o cinegrafista e fotógrafo Antônio Moraes (Audiovisual) e Pe. Lauro. Hospedados na Casa das Sampaia, os alunos fizeram várias excursões (Banho do Belchior, Cascatinha, Bocaina e Taboões). Na última noite, alguns juram que viram o lobo guará, às duas da madrugada. Na Mineração Samarco, perto de Mariana, puderam ver a devastação terrível do meio ambiente, por ação das mineradoras de ferro, se assustando com a possibilidade de a Reserva Particular do Patrimônio Natural do Santuário do Caraça vir a ser desfigurada, se o Governo conceder as lavras naquela ilha de preservação e de beleza. Na viagem de volta, uma passagem pela igreja barroca de Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas e almoço em Cachoeira do Campo. O passeio incluiu ainda, em Congonhas, os Passos da Paixão, esculpidos pelo Aleijadinho e encarnados por Manoel da Costa Ataíde, os dois maiores artistas plásticos do nosso Barroco, e a oportunidade de ver de perto os Profetas do Aleijadinho, no adro monumental da Igreja do Bom Jesus de Matozinhos. Quatro dias que valeram por dez!

### JAZZ NO PÁTIO

Dando continuidade à programação de atividades culturais, o GRECO trouxe para o Colégio a Banda de Jazz Roberto Rosemberg. O espetáculo ocorreu no dia 10 de setembro, pela manhã.



## ENCONTRO MUSICAL DA 4ª SÉRIE

No dia 31, de agosto a 4ª série realizou seu primeiro Festival Musical. Participaram do encontro pais e alunos que tocam algum instrumento. O principal objetivo do evento foi o de integrar pais e filhos por meio da expressão musical. No palco, se apresentaram Giovana Pineschi (música clássica, violino), Caio e César Lopes ("Asa Branca", 2 violões); Laura e Gervásio Gonçalves Filho ("Sina", voz e violão); Maíra e Lélia de Oliveira (flauta e piano); Gabriel e Marcelo Paradela ("João e Maria", teclado); Tomás e Marcos Amorim ("All Blues", guitarra); e Marcelo e Ricardo Gomes de Castro ("Infinita Highway", bateria e guitarra). Para completar a festa, uma apresentação do coral Loas e Luas, formado por alunos das 3ª e 4ª séries e regido pela professora Norma Nogueira.



## VIVA DRUMMOND

No dia 26 de setembro, o Colégio recebeu a visita do diretor e roteirista Paulo Thiago. Diante dos alunos das 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, Paulo exibiu o *making of* do filme "Poeta de Sete Faces" e falou sobre a vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade. O evento fez parte do Projeto Centenário de Drummond, que é coordenado pela equipe de Português.

## CARAÇA 1953-2003

No dia 4 de janeiro de 1953, um menino do Paraná, com seus 13 anos recém-feitos, chegou ao Seminário do Caraça, para começar a 7ª série. No dia 4 de janeiro de 2003, Pe. Lauro Palú, diretor do Colégio São Vicente, estará no Caraça, comemorando os 50 anos dessa bênção que recebeu de Deus, de Nossa Senhora Mãe dos Homens e de São Vicente. Na mesma data, inaugurará, no museu do Santuário, a exposição das 203 fotos digitais que selecionou entre as que fez no Caraça no último ano. Aqui no Rio, a mostra ocorreu de 30 de agosto à primeira semana de outubro, e foi montada nos murais da entrada do Colégio São Vicente, no *hall* dos elevadores e na sala de exposições, onde foi visitada por alunos e pais, professores e funcionários, ex-alunos do Caraça e alguns estudiosos especialmente convidados. As fotos foram divididas em quatro temas: a arquitetura, a fauna, a flora e alguns lugares que Pe. Lauro chamou de sagrados: o Calvário (seus martírios) e os lagos (seus mistérios e suas luzes).

## OS BATIZADOS DO DIA 5

No dia 5 de outubro, na Capela do Colégio São Vicente, foram batizadas sete crianças: cinco meninas e dois meninos. A preparação foi cuidada, ao longo de várias semanas. As famílias puderam acompanhar as cerimônias, com a catequese feita pelo Pe. Lauro, que também havia preparado as crianças. Bem, na verdade, ele só preparou cinco, porque a Carolina, da 4ª série, preparou seus dois irmãos, a Elisa (da 1ª série) e o Fabinho, que ainda está na alfabetização, preparando-se para vir estudar aqui no Colégio. Para os leitores da *chama*, Carolina escreveu, com muito carinho, um breve depoimento, narrando sua "aventura".



## MEU BATISMO

Batizado? Com 11 anos? Pois é, é isso que eu pensava antes de começar a fazer catecismo com o Pe. Lauro.

Subindo para o 4º andar, não esperava uma aula ruim, mas também não esperava tanto. A aula foi um sucesso, um grupo de cinco alunos, eu, Thais, Rafael, Mariana e Luiza. Nos conhecemos e uma coisa que não esperávamos aconteceu, fomos lanchar os biscoitos do Pe. Lauro, acho que todos gostaram pois comemos bastante.

Passar o que aprendemos para meus irmãos não foi muito difícil, foi só mudar um pouco o vocabulário e repetir algumas vezes a mesma coisa, mas valeu a pena, hoje sei que se entrei lá uma saf outra e vou morrer de saudade da 4ª feira às 14 horas e é claro dos biscoitos.

É um dos momentos que nunca mais vou esquecer.

Carolina (T. 41)

04-10-02

**É** comum as pessoas se queixarem de que atualmente não existem mais limites. Mas será que a palavra limite deve ser vista sempre como algo negativo? Para tentar responder a essa e outras perguntas sobre o assunto, o Colégio organizou, no dia 2 de outubro, uma palestra com o professor e psicólogo escolar Yves de La Taille.

Com bom humor e muita história, Yves conseguiu atrair a atenção de professores, coordenadores e pais, que praticamente lotaram o auditório. Para quem não pôde comparecer, a **chama** traz um pequeno resumo do que foi falado.

Ao começar sua palestra, Yves lembrou que existem na verdade dois significados bem diferentes, mas indissociáveis, da palavra "limite". O primeiro tem sentido restritivo e está ligado ao que é proibido, funcionando no campo do "não". O segundo, no entanto, nos remete à idéia de superação e de vitória, como nos esportes. Para ele, a sociedade sempre se preocupa mais com os limites restritivos quando o foco de trabalho deveria ser a superação dos limites.

## Lidando com o limite restritivo

O limite restritivo é um fundamento social universal. Não existe nenhuma sociedade sem limites. Todo grupo saudável e minimamente estruturado estabelece deveres e proibições a seus membros, variando apenas a quantidade e o conteúdo das restrições. É, portanto, imprescindível que os educadores saibam como enfrentar a questão.

O tema é difícil de ser trabalhado porque, lembrando Freud, se há proibição é porque existe desejo. Logo, existe conflito.

Mas por temos tanta dificuldade de lidar com a questão dos limites? Para Yves, seriam quatro as principais razões: a crise de valores, o enfraquecimento da família e da escola, a fragilização das restrições sociais e o medo de ser autoritário.

Os próprios pais não sabem onde estão as fronteiras entre o certo e o errado, o bem e o mal. Os próprios adultos não têm limites e

são autocomplacentes e isso acaba refletindo nas crianças. É preciso, diz Yves, que os adultos façam constantemente uma auto-reflexão e um exame de consciência.

A família e a escola não sabem mais exatamente qual é o seu papel na educação das crianças. Os pais não sabem mais ser pais e abrem mão de sua responsabilidade, delegando a outros o papel que era seu. A escola, diante do aumento das demandas, também perde sua identidade. A família delega para a escola e a escola delega para, como chamou Yves, os profissionais psi (psicólogos, psicopedagogos, psicoterapeutas).

A fragilização das relações sociais leva à desconfiança geral. O outro é sempre visto como adversário em vez de parceiro, como algoz em vez de amigo. As conseqüências são a fragilidade afetiva e o medo de ficar só. Em decorrência disso, muitas vezes os pais ficam com medo de impor limites e "perder" o amor dos filhos, numa relação inversa à que deveria acontecer na realidade, quando, na primeira fase da aprendizagem, os filhos obedecem para não "perder" o amor dos pais.

O medo de ser autoritário pode ser visto como uma herança dos anos 60, quando surge a idéia de que é proibido proibir. Isso faz com que muitos pais abram mão da autoridade, com receio de serem vistos como déspotas.

## Por que as crianças obedecem?

A criança nasce sem limites morais. É a cultura que "limpa" nosso comportamento. Aos poucos, a cultura, que é exterior, se internaliza sob a forma de moral e ética. A criança aceita as restrições impostas a sua liberdade não apenas por medo do castigo. Se fosse, quando não houvesse vigilância, haveria transgressão. As normas nunca serão cumpridas apenas pelo controle exterior. Para que os limites sejam aceitos, é preciso que haja controle interior, isto é, a criança deve adquirir valores que naturalmente a impeçam de transgredir os limites impostos.

Para uma criança de quatro/cinco anos, o adulto é a autoridade máxima. Os pais não podem abrir mão disso porque a criança só respeita as regras morais porque respeita a fonte das regras. Esse respeito não é cognitivo, mas afetivo e, por essa razão, os pais são insubstituíveis nesse período. Um misto de amor e medo de perder o amor dos pais faz

ETC...



YVES DE LA TAILLE FALA SOBRE LIMITES

com que as crianças comecem a obedecer. Conforme a criança vai crescendo, os valores são interiorizados e a relação de autoridade se transforma em relação de reciprocidade. A criança, portanto, precisa de autoridade para poder derrubá-la mais tarde.

## Superando limites

De acordo com o sistema de valores adotado pela sociedade, a culpa pode estar no pensamento/sentimento (você não pode sentir raiva ou ódio) ou na ação (você pode sentir raiva, mas não pode bater).

Quando restringimos os sentimentos, no entanto, acabamos por recalá-los no inconsciente e eles se tornam difíceis de serem trabalhados e superados. A superação dos limites se dá a partir da superação desses sentimentos, por isso é melhor que, em vez de restringi-los, nós comecemos a trabalhar com eles. A coragem, por exemplo, não é a ausência do medo, mas a superação dele.

Para se superar, é necessário que a criança perca o medo de crescer e deseje ir ao encontro do desconhecido. É nesse momento que mais erramos, pois colocamos cada vez mais limites ao crescimento, infantilizando a criança cada vez mais. Em vez de tentar expandir o universo da criança, retiramos de seu universo tudo aquilo que "não faz parte do mundo infantil". Crescer deve ser visto como ganho e não como perda.

O maior cuidado a ser tomado, de acordo com Yves de La Taille, é para que a superação não seja confundida com a competitividade. Superar um limite é superar a si próprio e não aos outros. ■

# A IGREJA QUE QUEREMOS

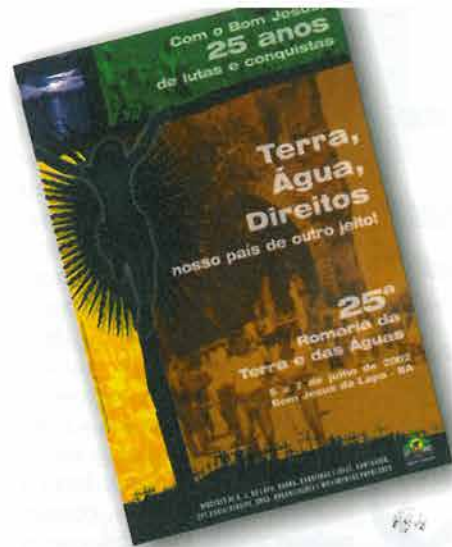
**T**ive a oportunidade de participar da 25ª Romaria da Terra, em Bom Jesus da Lapa. A experiência pede algumas reflexões que são, antes de tudo, registros do que ficou marcado nos corações e mentes daquela pequena delegação do Colégio São Vicente de Paulo, lembranças de sensações muito mais ricas e complexas do que será possível deixar registrado, mas que se impõem e trazem luzes para tantas inquietações pessoais a respeito da sempre difícil relação entre religião e contexto sociopolítico mais amplo.

No dia 5 de julho, a romaria começa com uma missa na gruta. Os religiosos dão boas-vindas aos romeiros, que chegam aos milhares numa atmosfera de união. Nessa primeira celebração eucarística, sentimentos religiosos fervorosos e até mesmo de intimidade com os santos (muitos conversam com as imagens, reclamando, confidenciando, agradecendo, ou louvando). Todos estão muito atentos ao que é dito. Os diversos religiosos que celebram o ato não fazem discursos metafóricos ou místicos. Suas palavras são de grande religiosidade, muita consciência social e política, mas de grande simplicidade. O clima é impactante. Há contrição, sinceridade e comunhão. As músicas envolvem e ficam em todos, porque a "romaria da terra faz o povo reunir, numa luta sem guerra, nós lutaremos por ti". Fica também a sensação de que é esta a Igreja que chega ao povo e que luta por ele.

No dia 6 de julho, depois do ofício religioso de Nossa Senhora, que começou às 5h30min (é uma maravilha ver o dia raiar, com o velho São Francisco ao fundo) os romeiros se dividem em "plenarinhos". São quatro temas, que se subdividem em oito: Terra, Água, Direitos, e Política. Na impossibilidade de participar de todos, escolhi o tema "Direitos", com o subtema "Direitos conquistados" (trabalho escravo) e "Política" com os subtemas "Conselhos Municipais" e "Eleições/Alca" (é verdade, no coração do Brasil, numa das regiões mais pobres do país, sertão da Bahia, uma sala apinhada de romeiros discutindo a Alca!!!). Fui para um salão repleto de romeiros sentados no chão ou se espregando nos cantos da sala para não perderem nada do que os animadores diziam sobre a Alca e as eleições. Depois de ouvir uma música divertidíssima sobre coronelismo (vale um tratado de sociologia), ler um versículo de São Mateus ("Felizes os que têm fome de justiça..."), e, diante de um painel sobre

Antônio Conselheiro (patrono do plenarinho), todos assistem a um teatro sobre os efeitos perversos da Alca. A dramatização mostra o perigo de uma aliança tão desigual. É emocionante ver a atenção dos romeiros, numa demonstração de que é preciso cuidado com a falácia de que o povo do sertão não tem interesse por questões sociais. No plenarinho sobre trabalho escravo, vi o testemunho de um lavrador que ficou preso numa fazenda durante meses por causa da conta da cantina (ainda é verdade, sim!!!). No plenário sobre Conselhos Municipais, ouvi relatos sobre a importância e as dificuldades de participação e sobre a necessidade de se ter consciência dessa importância. Houve ainda uma fala mais didática sobre as funções de um Conselho Municipal. Em todos eles, uma reflexão sobre a formação dos líderes comunitários e sobre a necessidade de as comunidades conhecerem melhor suas necessidades para que suas reivindicações possam se materializar. Tudo isso mesclado com cantos, citações bíblicas e dança. Ao final, uma das palavras de ordem da romaria: "terra, água e direitos, queremos o país de outro jeito". O plenário termina com vários testemunhos e com os animadores alertando para a importância da participação municipal desde a Constituição de 88. Tudo termina com pessoas dançando forró e com um xote sobre Chico Mendes, num clima de confraternização e dever cumprido.

No dia 7, último dia da Romaria, depois da Missa da Ressurreição, às 5h30min, todos voltam à Gruta da Soledade para o plenário final. A gruta fica repleta, e todos cantam a música da romaria. Num momento de emoção, D. Luciano presta uma homenagem póstuma a D. José Brandão de Castro, de Sergipe, um dos primeiros a se levantar pelo nordeste e pelo Baixo São Francisco. Muitas falas se sucedem: sobre a criação da Codevasp - companhia que arrasou com a vida do trabalhador rural -, sobre direitos humanos e sobre a necessidade de mobilização, fiscalização e informação, sobre a necessidade de participação. Durante três horas, milhares de romeiros apinhados na gruta ouvem tudo com muita atenção. São apresentadas as conclusões dos plenários da véspera, intercalados com muita música, animação e trechos bíblicos. Destaca-se, no Plenário da Terra a Ação do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a reivindicação para a solução das dívidas dos pequenos agricultores e a reflexão sobre a reforma agrária. A música é forte: "Esse é o nosso país, essa é a nossa



## 25ª Romaria da Terra: religião para a participação social

Pela segundo ano consecutivo, representantes do Colégio participaram da Romaria da Terra e das Águas, organizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) e realizada, de 5 a 7 de julho, em Bom Jesus da Lapa, na Bahia. O grupo, que este ano foi formado pelos professores Angela Paiva (Sociologia), Fernando Castro (História), Jéssica Moura (História) e Rosa Momesso (Ciências), viajou acompanhado pelo Pe. Maurício Paulinelli, diretor administrativo do São Vicente. A Romaria da Terra e das Águas é a celebração da mística que dá suporte aos movimentos de base das Comunidades Rurais, que vem ao encontro da tríade "anunciar, denunciar e promover ações transformadoras", tão bem descrita pelo Pe. Eli Chaves (página 22).

bandeira, é por amor a essa pátria Brasil que a gente segue em fileira". A emoção está presente em cada semblante. Foi um momento mágico. Vi uma Igreja que age e fui testemunha de uma prática religiosa que está atendida com as questões sociais e que se mostra solidária com os inúmeros problemas que estão pedindo solução. Vi também a importância da Pastoral da Terra em seu papel de organizar, coordenar e, principalmente, transmitir os anseios daquele povo sofrido, a quem os canais de comunicação e de ação normais da sociedade civil são sistematicamente negados. A Igreja em Bom Jesus da Lapa cumpre esse papel. O que se vê num encontro desses é a união da fé com a esperança. É a Igreja em sua função mais plena: a de *religare*, uma Igreja de comunhão, de participação, que busca uma pastoral viva e que dá um sentido mais amplo à prática religiosa. Fica a sensação de que é essa a Igreja que queremos. É essa a religião que faz sentido e que pode realmente significar, religiosamente, uma ação transformadora. ■

Angela Randolph Paiva  
professora de Sociologia





**N** tentativa de trazer de volta para a nossa convivência antigos alunos do Colégio, realizamos uma reunião no dia 10 de setembro. O número de participantes foi menor do que o esperado, mas isso não foi motivo para desânimo. Em carta da Direção da Escola, apelamos aos pais de ex-alunos para que incentivassem a participação de seus filhos numa outra reunião marcada para o dia 10 de outubro. O resultado não foi tão bom quanto o esperado, mas isso também não é motivo para desânimo. O trabalho está apenas começando.

### Por que reunir antigos alunos?

Diversas razões nos levam a desejar incrementar a Associação de Antigos Alunos. A primeira delas é a consciência da necessidade de manter laços com pessoas que ajudamos a formar. Se acreditamos que o processo pedagógico é (ou deve ser) permanente, não podemos esquecer aqueles que passaram por esta Instituição. Não se trata de uma política de manter os “pintinhos sob as asas da galinha”, mas de assumir nossa responsabilidade na construção de uma sociedade mais marcada pelo Carisma Vicentino.

Outra justificativa é um pleito antigo de diversos profissionais desta Instituição: saber o que têm feito e, sobretudo, quem e como são hoje nossos antigos alunos. Se o trabalho em educação é, por essência, um trabalho de longo prazo, é muito raro que vejamos os frutos do que plantamos ainda enquanto os alunos estão aqui. Uma associação ativa nos possibilitaria, com muito mais facilidade, o contato com todos aqueles que estudaram no São Vicente.

Por fim, sustentamos que essa retomada poderia ser de grande auxílio na avaliação de nosso fazer pedagógico. As observações feitas por pessoas que já estão no mercado de trabalho podem influenciar, inclusive, nossas opções metodológicas e de conteúdo. É óbvio que não estamos nos referindo a uma submissão à lógica do mercado (até porque teríamos que analisar de que

# CONVITE DE CORAÇÃO

mercado estaríamos falando, quando tratamos de antigos alunos do São Vicente), mas de informações preciosas sobre as competências e habilidades hoje requeridas de profissionais de diversas áreas.

### Caminhos a seguir

Na busca de nosso objetivo, temos, agora, diante de nós, algumas possibilidades. Podemos formar uma comissão de antigos alunos que, reunindo-se periodicamente com a Coordenação Comunitária, ajude a desenvolver um projeto de reconstrução da Associação, que pode gerar, num primeiro momento, um grande evento ou pequenas convocações, com o objetivo de estruturar uma equipe mais ampla.

Podemos também aproveitar os eventos da campanha da “Globalização da Caridade” para estimular a participação de um grande número de antigos alunos ou tentar estabelecer um calendário de pequenos ou grandes eventos específicos que sejam organizados e divulgados por pequenas comissões. Outra opção seria a de marcar novas reuniões, convocando mais pessoas, já com o objetivo de iniciar a reestruturação da Associação. Resta-nos ainda a escolha de deixar para lá, acreditando que já somos muito ocupados para nos envolver em mais essa empreitada.

Juntos, poderemos refletir sobre algumas linhas de ação para a Associação, tais como: organização de eventos festivos, especialmente na data do Antigo Aluno (25/08); acompanhamento e apoio às comemorações de aniversários especiais de turmas (10, 20, 25 anos), como as que têm sido realizadas quase todo ano; proposta e estruturação de cursos e encontros para antigos alunos na linha da Espiritualidade Vicentina, contribuindo para a formação de Agentes

de Transformação Social; participação na construção das linhas de condução dos conteúdos programáticos, com sugestões que tragam à tona uma perspectiva das atuais exigências do mercado; criação de um instrumento de comunicação entre os antigos alunos que possa ser instrumento de atualização com as propostas da entidade e dos antigos alunos entre si; formação e atualização de um cadastro profissional, que possa servir como referência para a contratação de profissionais entre os antigos alunos do Colégio; divulgação e recomendação de projetos sociais que precisem de qualquer tipo de apoio e sejam reconhecidos como positivos pela Comunidade Educativa.

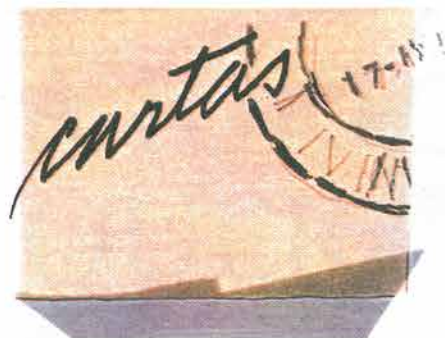
Enfim, muitas outras idéias podem surgir. O mais importante é que nos mobilizemos, pensemos e realizemos juntos. Se você conhece algum antigo aluno do São Vicente, leve a ele o nosso convite. O Colégio gostaria muito de apoiar e está de braços abertos para acolher a todos.■

Hélcio Alvin  
Coordenador Comunitário

## ANTIGOS ALUNOS NA INTERNET

Quem estiver interessado em participar, pode se cadastrar no site do Colégio ( ), no qual vai encontrar inúmeras mensagens de seus antigos colegas.

Quem desejar também pode se inscrever na lista criada pela Mila Chaseliov, da turma de 1999, bastando enviar um e-mail em branco para: vicentinos-subscribe@yahoogroups.com.■



## SOBRE A CHAMA

Aos amigos da **chama**,

Fiquei muito contente em ler a **chama** novamente. Isso me fez lembrar os anos de 1986, 1987 e 1988, quando juntávamos nossas energias, construindo a **chama**. Hoje, graças ao grupo que a produz, ela vem mais bonita e mais compacta, comunicando com leveza e com arte. Parabéns!

Levem adiante essa **chama**, em especial nesse contexto conturbado de desenvolvimento em que os referenciais se transmutam tanto! A educação, por mais que se alterem os rumos da economia e da política, não perde a importância e até amplia seu espectro.

Gostaria muito de continuar recebendo a energia emanada da **chama**!

Um abraço,

*Antônio Carlos Vaz de Lima (Ex-APM)*  
Campinas – SP

Ao pessoal da revista **chama**,

Com satisfação recebi a sua revista. Não a conhecia. No início, foi um simples folhear de páginas. Depois, pus-me a ler uma notícia aqui, outra ali. Aos poucos, não ficou linha sobre linha. Descobri que estava me informando, aprendendo com os “formadores” e “futuros agentes de transformação social” e surfando sobre os ensinamentos vicentinos. Muito legal! Parabéns a todos os empreendedores da revista e meus agradecimentos.

*José Pedro A. Silva*  
Vitória – ES

Meu caro Pe. Lauro,

Conhecer seus dotes de comunicador eu conhecia. Surpresa foi saber que é

fotógrafo de primeira linha como foi mostrado na revista **a chama** que me foi enviada, tenho certeza, por você. Muito obrigado. Foi muito agradável ter notícias suas, ler matérias escritas por você e vê-lo em fotos que, apesar de pequenas, dá para perceber que está bem disposto, gozando de boa saúde. Estou certo? Sei que você é muito atarefado, por isto termino por aqui agradecendo, mais uma vez, o envio da excelente revista e parabenizando-o pelo trabalho que vem desenvolvendo à frente do CSVP. Receba um abraço saudoso de seus “afilhados”.

*Ângelo e Edna Côrtes*  
Belo Horizonte – MG

Cher Père Palu,

Um gros merci de la magnifique revue que vous m'avez fait parvenir. Elle me donne de vos nouvelles d'une façon originale et sa tenue comme son contenu m'ont vraiment impressionnée. J'ai même réussi à lire votre poème (en partie), mon portugais n'étant pas assez riche. Mais j'ai compris le sens.

Encore une fois merci. Je reste en contact avec vous par la prière et vous souhайте un succès constant dans votre travail.

Votre soeur en Saint Vincent

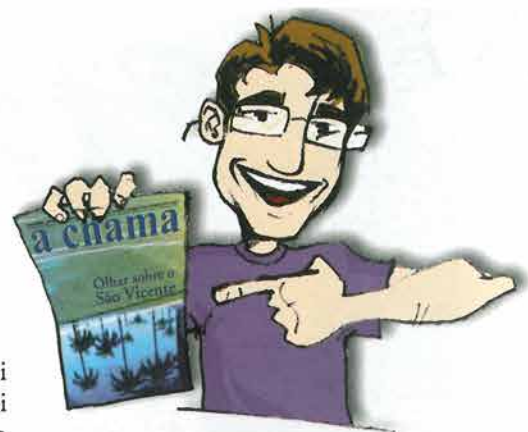
*Andrée Thomanek*  
(Vice-presidente da Associação  
Internacional de Caridades)  
Viena – Áustria

Lauro amigo,

Obrigado pela revista que me foi enviada. Quero ser leitor cativo. A impressão e as matérias estão excelentes.

Abraço fraterno,

*Myrson M. Lima*  
Fortaleza – CE



Estimado Padre Palú,

Não sei quem enviou a **chama** “Olhar sobre o São Vicente”, mas como sei que o senhor é o diretor do Colégio, apresento-lhe meus agradecimentos por este envio. A revista oferece mesmo a possibilidade de se ter uma visão sobre o Colégio. As atividades e fotos manifestam ser uma escola dinâmica e atualizada. Parabéns a todos os que contribuem para que o São Vicente assim se apresente.

Cordialmente, receba o meu abraço fraterno.

*Irmã Therezinha Remonato FC.*  
(Assistente Geral das Filhas da Caridade)  
Paris – França

Caro Pe. Lauro,

Recebi a revista e achei a entrevista com o Patrick maravilhosa. Pessoas assim é que podem levar nossos jovens a um mundo melhor. Meus parabéns a ele. Tem gente que acha que filosofia é para sonhadores, mas Patrick mostra uma filosofia viva, podendo com isso fazer com que jovens amadureçam com um senso crítico profundo e prontos para enfrentar a vida, sabendo por si mesmos escolher seus caminhos. Um amigo nosso diz que nossa missão não é fazer com que nossos filhos sejam felizes, porque felicidade eles também encontram nas drogas, mesmo que momentaneamente. O nosso mister é levar nossos filhos a saber fazer escolhas; isso sim é importante: que saibam escolher o que é bom. Parabéns ao seu professor. A **chama** é sinal de vida. Parabéns ao Colégio por contar com professores de tal gabarito.

*José Adair*  
Mogi-Guaçu – São Paulo

## A MÃOZINHA DE JESUS

Quando Deus quis tornar-se um de nós, não apareceu como um profeta, daqueles de barba grande e sombra ameaçadora, gestos de fogo e palavras de vendaval. Não apareceu entre nós como um sacerdote, celebrando liturgias, cultos e promessas, erguendo orações como estandartes, gritando bênçãos, jogando certezas, criando luzes. Deus não quis aparecer nem mesmo como um pai da gente, que abençoa, orienta, educa, leva ao rio, veste e penteia a gente e nos passa na rua, seguros e confiantes.

Quando Deus quis tornar-se um de nós, fez-se criança.

A mãozinha de Jesus, no pescoço de São José, buscando segurança, buscando calor, buscando o porto do seu soninho inocente e claro. A mãozinha de Jesus no colo de Nossa Senhora, brincando com o colar dela, com o cabelo dela, mordendinho a orelha dela, buscando no manto o gostoso do seio, afagando o ombro do sono, o abrigo do gesto de bênção, a luz do olhar cheio de tardes e de primeiras estrelas.

A mãozinha de Deus que nos toca, um dia, na mão do nosso filho, na mão da nossa filha, mãozinha que se agarra toda em volta de um único de nossos dedos maduros. Aquelas unhazinhas translúcidas são como uma água limpa em que a gente vê no fundo até a pedrinha no fundo. Aqueles olhos limpos são como a água em que a gente vê, lá no fundo, que Deus nos está vendo, que Deus nos ama, que o Natal é também para nós, é de hoje e de sempre, um Natal que tornamos possível quando sabemos acolher o pequeno, o pequenino, o anônimo, o fraco, o necessitado, o medroso, o desamparado, o pobre, o infeliz.

Tudo isso quero desejar a toda a Comunidade Educativa do Colégio São Vicente, Alunos, Pais, Professores, Coordenadores, Funcionários, Antigos Alunos, na chegada de mais um Natal, para que Deus seja uma presença carinhosa em nossa vida.

*Pe. Lauro Palú, C. M., diretor  
Rio de Janeiro, Natal de 2002*

*Dedico esta bênção  
ao Pai e à Criança  
que fotografiei no sinal  
em frente do Colégio*

